

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
CURSO DE TEOLOGIA**

SARAH GUEDES SANTOS

**O DEIXAR DO CÂNTARO:
A SAMARITANA COMO MODELO DE DISCIPULADO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**São Paulo
2024**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SARAH GUEDES SANTOS

**O DEIXAR DO CÂNTARO:
A SAMARITANA COMO MODELO DE DISCIPULADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe Antonio de Lisboa Lustosa Lopes.

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e da fé. Ele que me guiou e sustentou até aqui.

À minha família, por todo cuidado e amor para comigo. Em especial, a meus queridos pais que, diante de muitos desafios, me educaram com amor para viver uma vida digna e honesta. Muito me incentivaram a estudar e a acreditar em um mundo melhor. À minha querida e amada mãe Josefa Guedes, cujo abraço diário me confere força e perseverança. A meu pai José Sousa, de saudosa memória, que sempre acreditou em mim e, por diversas formas, me ensinou a sonhar. A meu irmão Saulo Guedes, a quem muito amo, sua esposa Jéssica e meu amado sobrinho João Miguel.

Agradeço imensamente à minha comunidade paroquial e a meu pároco, que me concederam a oportunidade de cursar a faculdade de Teologia. Neste tempo formativo, eu aprendi mais sobre a importância da vivência comunitária e da união fraterna. Não podendo aqui citar nominalmente o incontável número de pessoas a quem sou grata, destaco alguns dos meus amigos: Pe. Felipe Cosme Damiano Sobrinho, Adriana Simões, Márcio Simões, Eliana Fidalgo e Ivaneide da Conceição, que para mim são exemplo de serviço, amor e acolhida. Me apoiaram e sempre rezaram por mim; saibam: a vida é mais feliz com vocês, obrigado. À Hilda, que me encontrou tímida, sentada em um banco da igreja e me convidou a participar de um encontro pastoral que mudou minha vida e me fez voltar à vivência comunitária. Serei sempre grata.

Ao meu professor orientador, Pe. Antônio de Lisboa Lustosa Lopes, pelo cuidado, paciência e todos os ensinamentos transmitidos, sou especialmente grata.

A todos os professores da Faculdade de Teologia, eterna gratidão.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Fundação São Paulo que me concedeu uma bolsa de estudo.

A todos os meus colegas de turma, aos quais tenho a honra de chamá-los meus irmãos. Sou imensamente feliz por estudar com vocês. Para mim, não existe turma melhor.

Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui.

É por isso que, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto para ajudar a humanidade a não decair.

(Paulo VI, 1965)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema o discipulado e protagonismo feminino na dinâmica eclesial, suas implicações e desafios. Nela se apresenta uma reflexão em torno das mulheres na literatura do Evangelho Joanino, com enfoque na narrativa da mulher samaritana. Também são apresentados os testemunhos de outras mulheres presentes na história da Igreja. A apresentação destas narrativas bíblicas e testemunhos femininos tem o intuito de apresentar a força da mulher, sua capacidade como discípula missionária, presença fecunda e necessária na vida da Igreja.

Apesar dos desafios do tempo presente, como a violência, o machismo, a desigualdade, o silenciamento, entre outros, essa pesquisa constatou que houveram, sim, alguns avanços, no período pré e pós-Concílio Vaticano II. Ao pontuar uma maior necessidade de abordar as questões que dizem respeito à participação das mulheres na dinâmica eclesial, pôs em relevo a importância do pensar, valorizar e incentivar a atuação feminina. Percebe-se uma evolução, porém ainda insuficiente para um verdadeiro reconhecimento da mulher como sujeito eclesial, capaz de atuar em diversas áreas com competência. Apesar de já atuarem nas comunidades e nos meios sociais de forma significativa, não são reconhecidas devidamente e lhes são apresentadas poucas oportunidades para uma maior atuação em altas posições, que lhes conferiria oportunidade de expressar sua opinião ou até poder de decisão.

Palavras-chave: Jesus; samaritana; discipulado; diálogo; mulher.

ABSTRACT

This research focuses on discipleship and female protagonism in ecclesiastical dynamics, its implications and challenges. It presents a reflection on women in the literature of the Johannine Gospel, focusing on the narrative of the samaritan woman. Testimonies of other women present in the history of the Church are also presented. The presentation of these biblical narratives and female testimonies is intended to show the strength of women, their capacity as missionary disciple, their fruitful and necessary presence in the life of the Church.

Despite the challenges of the present time, such as violence, male chauvinism, inequality, silencing, among others, this research found that there were, indeed, some advances in the pre- and post-Vatican Council II period. By highlighting a greater need to address issues concerning to women's participation in ecclesiastical dynamics, it has highlighted the importance of thinking, valuing and encouraging female action. There has been an evolution, but it is still insufficient to truly recognize women as ecclesiastical subject, capable of acting competently in various areas. Although they are already active in communities and social circles in a significant way, they are not properly recognized and are presented with few opportunities for greater action in high positions that would give them the opportunity to express their opinion or even decision-making power.

Keywords: Jesus; samaritan woman; discipleship; dialogue; woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abreviaturas Bíblicas

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Dt	Deuteronomio
Eclo	Eclesiástico
Os	Oseias

Novo Testamento

Mt	Evangelho segundo Mateus
Mc	Evangelho segundo Marcos
Lc	Evangelho segundo Lucas
Jo	Evangelho segundo João
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
Gl	Carta aos Gálatas
Hb	Carta aos Hebreus
1Tm	Primeira Carta a Timóteo

Siglas

CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
DAp	Documento Conclusivo V Conferência Episcopal - Aparecida
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i> , 2013 – Papa Francisco
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i> , 2018 – Papa Francisco
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> – Concílio Vaticano II
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> – Concílio Vaticano II
MD	Carta Apostólica <i>Mulieris Dignitatem</i> , 1988 – João Paulo II
DP	Documento Conclusivo III Conferência Episcopal - Puebla

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: UM DIÁLOGO TRANSFORMADOR	9
1.1 Algumas mulheres presentes na literatura joanina	10
1.2 O diálogo de Jesus com a samaritana	16
1.3 O relato bíblico - breve análise do diálogo	19
CAPÍTULO II: O SEGUIMENTO DE JESUS	25
2.1 Ser igreja.....	26
2.2 A vocação da mulher e o seu discipulado.....	30
2.3 O papel da mulher na Igreja latino-americana	34
CAPÍTULO III: A SAMARITANA COMO MODELO DE DISCIPULADO	37
3.1 Os desafios da mulher na sociedade e na Igreja	38
3.2 O protagonismo feminino no seguimento de Jesus	41
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

O papel da mulher no Evangelho segundo João é de relevância. Este trabalho, à luz da Sagrada Escritura, busca suscitar uma reflexão sobre o protagonismo feminino na literatura joanina, em particular na figura da mulher samaritana, e apresentar no que esta reflexão pode contribuir para o discipulado das mulheres atualmente.

O testemunho de mulheres relevantes no cristianismo, conforme é possível encontrar nos relatos bíblicos, também no período primitivo ou em diferentes épocas, estimula a reflexão sobre a importância de considerar e valorizar a vocação e a dignidade das mulheres. Dessa forma, ao longo deste estudo, serão apresentadas algumas mulheres que estiveram presentes na história da Igreja, com o propósito de levantar questões sobre a participação e o protagonismo feminino no seguimento a Cristo.

A realidade do machismo estrutural, presente na sociedade e também no meio eclesial, traz muitos obstáculos para que a mulher seja plenamente reconhecida e valorizada como sujeito eclesial. Por isso, se faz necessário abordar este tema, e aqui buscamos dar nossa contribuição para o debate em torno dele.

No que diz respeito à Igreja, o pontificado do Papa Francisco muito contribuiu para o avanço que se constata hoje no reconhecimento da mulher e de seu protagonismo na dinâmica eclesial. Assim sendo, buscou-se, de certa forma, estudar algumas de suas cartas e discursos, que são, neste sentido, sempre relevantes e norteadores. Levantaremos algumas questões a respeito do papel da mulher na Igreja Latino-Americana, sua contribuição e participação nas conferências do CELAM.

Pôr em evidência o papel das mulheres na vida da igreja é extremamente fundamental e salutar para a vida comunitária. É um passo necessário ao fortalecimento na luta contra o machismo e a desigualdade, presentes nas estruturas eclesiais. Portanto, procuraremos mostrar o quanto Jesus, no seu agir, valorizava e promovia a dignidade das mulheres, ainda que na contramão de uma sociedade que as excluía. Além disso, enfatizar que as mulheres que seguem a Cristo neste tempo atual, ainda que continuem não sendo reconhecidas como se espera, com equidade, mantêm-se fortes e persistentes. Anunciam com amor e segurança, sendo verdadeiras testemunhas do amor de Deus.

CAPÍTULO I: UM DIÁLOGO TRANSFORMADOR

Neste capítulo, pretende-se levantar alguns pontos que iluminarão a reflexão em torno do diálogo transformador entre Jesus e a mulher samaritana. Primeiramente, deter-se-á o olhar sobre algumas mulheres presentes no quarto Evangelho, procurando evidenciar o papel de representatividade e importância que lhes é conferido aí. Perceber o olhar de Jesus em relação às mulheres e o seu modo de se relacionar com elas, muito além de simplesmente iluminar a reflexão em torno do diálogo entre Jesus e a samaritana, nos ajuda a obter uma referência para repensar o papel da mulher na Igreja, não só na primitiva, mas também na Igreja de hoje.

Para melhor compreender o discipulado feminino, se faz necessário uma compreensão teológica acerca das figuras femininas presentes no Evangelho segundo João. Buscar-se-á analisar, ainda que brevemente, as passagens em que o autor apresenta tais figuras. A leitura apurada destes textos pode, hoje, motivar muitas mulheres em seu discipulado, sobretudo aquelas que estão sendo marginalizadas e sofrem com o preconceito, a violência e a opressão, que podem ocorrer de diversas formas na vida da mulher. Na sociedade da época de Jesus, as mulheres eram subjugadas e lhes eram impostas uma condição e obrigação de silenciamento, conforme afirma Santinon:

A sociedade no tempo de Jesus mantinha as mulheres silenciosas e quase invisíveis, subjugadas primeiramente ao pai, depois ao marido e, se viúva, aos filhos ou ao pai ou irmãos. Além disso, o marido tinha o direito de repudiar a esposa a qualquer momento (cf. Dt 24,1). Segundo Pagola (2019, p. 256-259), o inconsciente coletivo alimentava uma visão negativa da mulher embasada pelo poema da criação segundo o qual a mulher foi criada para auxiliar o homem, porém se transformou em causa de desobediência e da expulsão do paraíso (Gn 2,4-3,24). Para o povo judeu, a mulher era vista como um perigo. Sensual, tentadora, desordenada, inútil era alguém em quem não se podia confiar e, por isso, devia ser mantida sobre controle. Sua função era ter filhos e servir ao marido ou a outro de quem seja propriedade. Devia também ser por eles protegida em razão de sua vulnerabilidade. Por isso, para todos era bom que ela ficasse em casa cuidando de sua reputação para não envergonhar a família (SANTINON, 2023, p. 30-31).

Jesus, embora tenha crescido neste ambiente, ao contrário do que era de se esperar de alguém inserido na realidade social daquela época, confere dignidade a mulher. Procuraremos evidenciar isso neste capítulo, com uma breve apresentação de algumas mulheres presentes no quarto Evangelho, de forma particular, na

apresentação do diálogo de Jesus com a mulher samaritana. A Boa-Nova do Evangelho proporciona a mudança de vida àquele que se abre a este encontro com Cristo, e a mulher samaritana é exemplo de como este encontro pode ser fecundo e transformador.

Vê-se no relato deste encontro um Jesus profundamente humano, que tem sede e se cansa como qualquer outro homem. Na sua humanidade, se revela a esta mulher como sendo o Messias (cf. Jo 4,26). Ainda, acerca deste encontro, nota-se que Jesus ultrapassa convenções sociais, barreiras culturais, étnicas e religiosas. Restaura a dignidade da mulher samaritana que, crendo, se torna sua discípula e missionária.

1.1 Algumas mulheres presentes na literatura joanina

A samaritana é a segunda mulher apresentada no quarto Evangelho. Será fundamental para o escopo do presente trabalho estudar o seu papel dentro da literatura joanina. Percebemos na narrativa do seu encontro com Jesus, de fato, sinais vivos da agregação feminina no cristianismo e, dada sua importância para este trabalho, sobre ela nos deteremos de forma mais aprofundada em um segundo momento neste capítulo.

Antes, a fim de melhor captar o peso das figuras femininas no quarto Evangelho, é interessante se ater à figura da mãe de Jesus, que aparece no início do capítulo dois do referido Evangelho, na cena das “bodas de Caná”. A presença marcante da mãe de Jesus neste contexto é considerável e inspiradora. Maria é modelo de fé e discipulado por excelência (BOFF, 2006, p. 29).

Maria é a fiel discípula do Senhor. Em uma homilia, Papa Francisco, no dia de Nossa Senhora de Guadalupe, recordou que, conforme diz São Bernardo, “quando falamos de Maria, nunca são suficientes o louvor e os títulos de louvor, mas eles em nada tocavam o seu discipulado humilde. Ela era discípula!” (FRANCISCO, 2019).

O adjetivo “discípula” quando iluminado pelo sim fecundo de Maria aponta a singularidade de seu discipulado tão memorável, que é modelo para a Igreja e para muitos cristãos. Maria é membro da Igreja, é discípula de seu Filho. Estudando a alta mariologia presente no Evangelho de João, vemos que Maria, no Evangelho, é uma personagem que transcende a pessoa histórica de Maria de Nazaré, incorporando-a,

pois seu significado supera sua pessoa individual, uma vez que constatamos a riqueza de sua simbologia (BOFF, 2019, p. 30).

Lemos, no número 301 do documento da conferência de Puebla, que Maria “é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista” (DP 301), isso é significativo para a vida da Igreja, que é chamada a ser sacramento de salvação e instrumento de íntima união com Deus (LG 1).

No Evangelho de João, são apresentados apenas dois textos que tratam de forma direta sobre a mãe de Jesus: na cena do casamento em Caná (cf. Jo 2,1-12) e quando ela se encontra aos pés da Cruz (cf. Jo 19, 25-28). Neste Evangelho, ela não é chamada pelo nome, mas é apresentada apenas por meio de sua relação com Jesus, como sendo sua mãe, ou é chamada simplesmente de “mulher”. Isso porque, como afirma Boff, no Evangelho Joanino Maria não vale tanto como pessoa singular, mas como uma figura simbólico-teológica (BOFF, 2019, p. 67). Segundo este mesmo autor, os dois textos acerca de Maria no Evangelho de João abordam os momentos cruciais da vida de Jesus: o início de seu ministério e sua exaltação na Cruz. Realçar a presença de uma mulher, no caso a mãe de Jesus, participando desde o início até o fim da vida terrena de Cristo, é significativo para este trabalho que se propõe a mostrar a força e a importância do discipulado feminino.

Em Maria encontra-se consolo e esperança, ela é modelo de serviço e discipulado para toda a Igreja. Ela é mulher, mãe, serva e discípula do Senhor. Não mede esforços em servir. Ela que apressadamente vai ao encontro de Isabel (cf. Lc 1,39), vai, hoje, apressadamente, ao encontro daqueles que a ela recorrem com confiança. É possível ter esta certeza, ao olhar para a multidão de seus devotos em todo o mundo.

Nas núpcias de Caná, Maria, a mãe de Jesus, estava lá (cf. Jo 2,1), assim como estava aos pés da Cruz de seu Filho e salvador (cf. Jo 19,25). Neste primeiro relato, vê-se que a intervenção feita pela mãe de Jesus consiste em informá-Lo da falta de vinho, sem a formulação de um pedido explícito (BARRETO; MATEOS, 2021, p.138), Barreto e Mateos apontam que isso mostra uma relação de origem, mas não de dependência entre os dois. Neste sentido, a mãe é a figura feminina que serve para conotar a origem de Jesus, que é o Messias, e ainda corresponde à figura masculina de Natanael, que é apresentado como verdadeiro israelita. Neste sentido, a mãe

reconhece o seu Filho como Messias, e espera nele, personificando os israelitas que conservaram a fidelidade a Deus (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 139).

As palavras de Maria aos serventes foram poucas e simples, apenas um pedido bem direto: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (cf. Jo 2,5). Ela mostra que uma só coisa é necessária: fazer tudo o que Jesus disser. Mas, fazer o que Jesus pede exige uma coisa de cada crente: a fé. Maria dá testemunho de sua fé, ela crê e no seu discipulado, em sua simplicidade e cuidado materno, leva muitos a crerem também.

O segundo momento em que a mãe de Jesus é citada de forma direta é junto à Cruz. É relevante lembrar que, dada a compreensão teológica e todo o simbolismo da narrativa deste evangelista, a cruz é apresentada como sendo o trono de Jesus, pois a realeza do Messias em nada é semelhante à realeza do mundo (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 760). Enquanto se esperava um Rei poderoso, um monarca majestoso, Jesus tem a Cruz por seu trono, sendo este o lugar de onde reinará toda a Verdade que apresentou em sua vida pública.

Segundo Boff (2019, p. 78), “a natureza do discurso de João é que ele sempre fala em nível duplo: o nível histórico ou fatural e o nível simbólico, que se ergue sobre o primeiro o qual se deve prestar mais atenção”. Assim, compreender a Mãe de Jesus nestes dois momentos do Evangelho segundo João, é compreender o alto papel que ela desempenha na teologia joanina.

Maria é toda cheia de graça (cf. Lc 1,28), é aquela que acreditou e, no seu sim fecundo, é modelo de discipulado. Ela é toda santa, e modelo singular de vivência da fé. Ela, como peregrina da fé, é intercessora sem igual na caminhada dos cristãos. Na literatura joanina, as mulheres são missionárias por excelência. Procuraremos agora, então, explicitar essa característica do protagonismo missionário feminino no Evangelho de João, ao nos determos um pouco nos trechos em que aparecem outras mulheres, que também têm uma presença marcante e singular. Além da mãe de Jesus e da mulher samaritana, temos presente no quarto Evangelho outras mulheres bastante singulares: a mulher surpreendida em adultério (cf. Jo 8), Marta e Maria (cf. Jo 11-12) e Maria Madalena (cf. Jo 20).

Sobre a narrativa da mulher adúltera, presente em Jo 7,53–8,11, há muitos e fortes indícios que apontam para o fato de que esse texto não se encontrava no

manuscrito original do Quarto Evangelho, ou seja, não pertencia originalmente ao Evangelho de João, sendo uma inserção posterior¹. Sobre isso, Doglio afirma:

Esta perícopé está faltando nos manuscritos mais antigos e confiáveis e, quando aparece, também é colocada em outros pontos e não somente deste Evangelho: portanto, mesmo atestada desde o século II, motivos textuais e literários nos levam a considerar essa passagem como estranha a tradição joanina. A origem é a tradição oral comum também aos sinóticos e, qualquer que seja a sua origem, o texto é considerado inspirado e canônico. (DOGLIO, 2020, p. 115).

Fato é que, sendo ele considerado um texto inspirado e canônico, o que nos importa aqui não é manter o foco nesta controvérsia, mas nos determos na análise de sua narrativa. Nesta, presenciamos o encontro de Jesus com outra mulher. Podemos ver, mais uma vez, seu gesto livre e amoroso que acolhe, rompendo as barreiras dos preconceitos. Jesus olha a pessoa, não o seu pecado; e neste seu agir humano, ama, acolhe e, com isso, transforma vidas, devolvendo a cada um sua dignidade perdida.

Levam esta mulher até Jesus no intuito de colocá-lo à prova e, assim, poderem acusá-lo (cf. Jo 8,6), mas o gesto de Jesus e seu questionamento faz com que os acusadores daquela mulher se retirem um a um. Doglio (2020, p. 115) afirma que Jesus não considera a mulher um objeto de discussão, tampouco ignora que haja pecado. Sua atitude é pura e simplesmente de amor. Não expressa julgamento, mas o desejo de salvação para aquela mulher.

Segundo Araújo, outro ponto que merece atenção nesta narrativa é “a ausência do homem envolvido no crime, uma vez que duas pessoas foram flagradas, um homem e uma mulher casada” (ARAÚJO, 2018, p. 133). De fato, este é um ponto de atenção que nos abre à reflexão quanto aos desafios e preconceitos enfrentados pelas mulheres naquela época e que se estendem até os dias de hoje. Por vezes, a presença de mulheres em determinadas situações implica na sua culpabilização para salvaguardar a imagem masculina, como podemos constatar na referida cena.

Outras mulheres que encontramos no quarto evangelho são Marta e Maria. Elas e seu irmão Lázaro eram próximas a Jesus e com ele cultivavam uma relação de carinho e amizade. Isso o Evangelho nos deixa evidente. Podemos ver que quando Lázaro se encontrava doente e suas irmãs mandaram chamar Jesus, é assim que o fazem: “Senhor, aquele a quem amas está enfermo” (cf. Jo 11,3). A frase utilizada

¹ Cf. BARRETO; MATEOS, 2021, p. 346, nota 1.

demonstra o apreço de Jesus por Lázaro, mas também às suas irmãs. Comprova-se essa relação fraterna no v. 5: “Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro”, e elas também tinham muito amor e confiança para com Jesus, tanto que a Ele recorreram naquele momento de maior necessidade.

Dentro da narrativa da ressurreição de Lázaro (Jo 11) e também no texto da unção de Jesus em Betânia (Jo 12) presenciamos encontros marcantes de Jesus com essas duas mulheres. Na primeira narrativa, vemos a profissão de fé de Marta (Jo 11,17-30). Conforme a afirmação de Ferreira, nos Evangelhos sinóticos é privilegiada a profissão de fé de um homem, Pedro, enquanto em João se mostrou a riqueza de uma profissão de fé vinda de uma mulher, Marta (FERREIRA, 2023, p. 182). Vê-se, ao longo de todo o quarto Evangelho, a força e a fé das mulheres apresentadas, que marcam seus respectivos papéis dentro do texto joanino. São elas verdadeiras discípulas e missionárias, e é o amor de Jesus que lhes confere força e coragem.

A unção feita por Maria no capítulo 12 do quarto Evangelho é outro belo relato que mostra a docilidade e prontidão em servir destas mulheres. Em Betânia, oferecem a Jesus um jantar. O evangelista narra que, enquanto Marta servia (cf. Jo 12,2), Maria tomou um frasco de bálsamo de nardo puro e muito caro, com o qual ungiu os pés de Jesus (cf. Jo 12,3). Doglio, comentando esta cena, assim nos diz:

Com esta cena abre-se a última semana, como especifica a referência cronológica inicial. Jesus deixa o lugar seguro onde se retirou (11,54) Para retornar a Betânia, onde participa de uma ceia na casa de seus amigos Lázaro, Marta e Maria. O relato joanino pertence à tradição sinótica comum a Mateus e Marcos, em que desempenham um papel simbólico de introdução à história da paixão: Mais uma vez João utiliza, num contexto semelhante, um texto tradicional, mas traz algumas mudanças significativas, integrando a na narrativa do sétimo sinal com referências deliberadas a Lázaro revivido. O gesto de Maria não se relaciona a cabeça de Jesus (como em Mt e em Mc), mas aos pés: ela versa uma libra (300 gramas) de nardo muito precioso e depois seca os com o próprio cabelo “e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo” (v 3): uma provável referência ao Cântico dos Cânticos dá ao gesto de Maria um valor simbólico é de grande afeição, e esse amor que une os amigos de Jesus é o perfume da vida que enche toda comunidade dos discípulos de Cristo (DOGLIO, 2020, p. 128).

Conforme dito, “Jesus é o perfume da vida que enche toda a comunidade”. Tendo em conta isso, é muito significativo ver a relação de amor entre a comunidade dos discípulos de Cristo, relação esta que deve estar presente nas comunidades hodiernas. Ver o gesto de amor de uma mulher que unge os pés de Jesus, ressalta o

quão importante é o papel das mulheres, sempre presentes em momentos muito significativos na vida de Jesus.

É interessante destacar que, neste relato, Maria unge os pés de Jesus e não sua cabeça. E ainda, ela os enxuga e o faz com seus próprios cabelos. Ela está ali, aos pés de Jesus, totalmente desarmada, mostrando o mais profundo de sua verdade e reconhecendo que Jesus é inocente, é o cordeiro sem mancha. Estes gestos são indicativos da adesão e configuração do discípulo a Jesus, remetem à atitude de alguém que segue os passos do mestre com uma postura humilde e de serviço. Percebe-se como o gesto de Maria atua como preâmbulo e tem o seu significado esclarecido no capítulo 13, onde se narra o episódio popularmente conhecido como “lava-pés”, e onde o tema da adesão e configuração do discípulo ao mestre, que revelam-se por meio do serviço, é central.

Há ainda outra mulher de grande importância apresentada no Evangelho de João, Maria Madalena, a fiel testemunha da ressurreição de Cristo. Conforme o relato evangélico, ela também estava presente ao pé da Cruz junto às outras mulheres (cf. Jo 19,25). Em outra narrativa, também aparece na visita ao túmulo de Jesus (cf. Jo 20,1). Sobre esta mulher de relevância nos escritos joaninos, Ferreira afirma:

João apresentou Maria Madalena como mulher próxima do senhor, junto ao suplício da Cruz. Ela estava ao lado da Cruz. Para o quarto evangelista, “a hora” de Jesus consistia na elevação do filho do homem (Jo 3,14;8,28) e na sua glorificação (Jo 12,23) na Cruz. Então, os amigos de Jesus presentes (Maria, sua irmã, Maria de Cléofas, Madalena, o discípulo amado) formavam, no amor, a comunidade de Jesus, fiel até o momento mais drástico da história. Essa pequena comunidade, presente no conflito e na tensão, participou da “hora” de Jesus (FERREIRA, 2023, p. 192).

Maria Madalena participou da “hora” de Jesus. Com isso, vemos, mais uma vez, a presença de mulheres nos momentos cruciais da vida de Jesus. Vemos que até no Calvário elas estão ali, comprometidas com o discipulado e unidas a Jesus.

No relato da ressurreição, Maria Madalena vai no primeiro dia da semana ao túmulo no qual haviam colocado Jesus e o encontra vazio. Sua reação é de alarde. Ela corre e vai dizer aos discípulos que tiraram o Senhor do túmulo (cf. Jo 20,1-2). Enquanto os discípulos correm e entram no túmulo, ela fica do lado de fora, a chorar, porque sente a falta do seu Senhor. Ela vê Jesus, mas a princípio não o reconhece, o reconhecimento se dá apenas ao ouvi-Lo chamá-la pelo seu nome. Diante disto, ela exclama: “Rabuni!”. Reconheceu assim o seu Senhor.

As mulheres presentes no quarto Evangelho nos levam a uma reflexão profunda sobre amor e serviço. Elas apresentam uma postura de protagonismo, que mostra muito sobre a força e a coragem da mulher. Sobre as figuras femininas do Novo Testamento, Ferreira nos diz:

No Novo Testamento, vemos um verdadeiro projeto que surgiu no hino batismal da carta aos Gálatas (Gl 3,26-28), onde uma das três assertivas diz que, em Jesus Cristo, “ não há homem nem mulher”. Foi de fato uma afirmativa e um *slogan* que definiu bem a compreensão dos primeiros cristianismos originários de como deviam ser as comunidades cristãs. A experiência das mulheres missionárias e evangelizadoras teve uma bela prática nos grupos de Paulo e dos helenistas. Também os quatro Evangelistas deram sinais bem vivos da compreensão de que houve a agregação feminina nos projetos do cristianismo originário (FERREIRA, 2023, p. 139).

É fato que houve agregação feminina no cristianismo primitivo. Estas mulheres que foram apresentadas apontam para isto. Elas estiveram presentes nos momentos cruciais da vida de Jesus, e com presença ativa, não simplesmente como meras espectadoras. Acolheram o Cristo, permitiram que Ele transformasse suas vidas e se tornaram verdadeiras discípulas missionárias.

1.2 O diálogo de Jesus com a samaritana

Para pôr em relevo as temáticas do discipulado feminino e analisarmos qual tem sido o papel da mulher na Igreja hoje, o resgate do elemento bíblico é fundamental. Nesse sentido, optou-se, neste trabalho, por dar destaque ao Evangelho de João, vendo como as figuras femininas aí aparecem, no intuito de obter-se indícios que apontem para um protagonismo feminino na Igreja primitiva, a fim de repensarmos as estruturas eclesiais atuais. Viu-se que as personagens femininas presentes no Quarto Evangelho possuem certa proeminência.

Agora, procuraremos nos deter na análise da narrativa do encontro entre Jesus e a samaritana (Jo 4), que pode fornecer elementos que permitam evidenciar essa relevância e protagonismo que as mulheres assumem no quarto Evangelho, como vimos afirmando até aqui. Isso poderá ajudar a pensar e pôr sob crítica as formas eclesiais hodiernas que, muitas vezes, acabam por subalternizar as mulheres.

O encontro de Jesus com a mulher samaritana no poço de Sicar não é um encontro qualquer. É um encontro de um Deus que tem sede e que reconhece a sede

de seu povo, a sede da humanidade. Jesus, tendo sede, pede de beber à samaritana, dando início a um diálogo profundo. Sua reflexão tem muito a contribuir ao discipulado leigo na vida da Igreja, principalmente o discipulado das mulheres, que, em sua maneira peculiar, têm, durante muito tempo, gerado frutos abundantes na vida da Igreja.

Jesus, cansado de sua viagem, encontrou descanso na acolhida desta mulher. Meditar sobre este encontro pode proporcionar uma reflexão madura e capaz de levar ao encontro com o Cristo. A beleza do encontro de Jesus com a samaritana pode de muitas maneiras iluminar o pensamento teológico e a vida pastoral. A reflexão sobre o abaixamento de um Deus que se fez pequeno para nos resgatar, que na sua humanidade tem sede e se cansa como cada um de nós (FRANCISCO, 2023), lança luzes para o discipulado e a missão dos fiéis nos dias de hoje. Aqueles que, assim como a samaritana, creram no Senhor, são chamados a um protagonismo, a uma atitude de iniciativa em anunciar o Cristo ao mundo.

Tendo sede, foi Jesus quem, na verdade, saciou a sede daquela mulher, dando a ela um sentido novo, uma vida nova. A resposta sincera e o acolhimento da samaritana relembra e realça a força e a coragem da mulher ao ouvir, crer e anunciar. A samaritana compartilhou a alegria do encontro com o Senhor, ela foi testemunha do amor de um Deus que alcança a todos, foi discípula. Ela, ao sair anunciando o encontro com aquele que disse tudo quanto ela havia feito, não foi testemunha de um homem que falou sobre sua vida, mas, sim, foi testemunha do Deus vivo, que transformou-a ao enxergá-la.

Sobre este encontro transformador, o Papa Francisco, certa vez, disse:

O Evangelho de hoje apresenta-nos o encontro de Jesus com a mulher samaritana, que aconteceu em Sicar, junto de um antigo poço onde a mulher ia todos os dias buscar água. Naquele dia, encontrou lá Jesus, sentado, «cansado devido à viagem» (Jo 4, 6). Ele diz-lhe imediatamente: «Dá-me de beber» (v. 7). Deste modo supera as barreiras de hostilidade que existiam entre judeus e samaritanos e rompe os esquemas do preconceito em relação às mulheres. O pedido simples de Jesus é o início de um diálogo genuíno, mediante o qual Ele, com grande delicadeza, entra no mundo interior de uma pessoa à qual, segundo os esquemas sociais, não deveria nem sequer ter dirigido a palavra. Mas Jesus fá-lo! Jesus não tem medo. Jesus quando vê uma pessoa vai em frente, porque ama. Ama-nos a todos. Nunca se detém diante de uma pessoa por preconceitos. Jesus coloca-a diante da sua situação, sem a julgar mas fazendo-a sentir-se considerada, reconhecida, e deste modo suscitando nela o desejo de ir além da rotina diária. (FRANCISCO, 2014)

Jesus supera todas as barreiras de hostilidade, porque ama a todos, Ele vai ao encontro de todos, alcança a todos. Este profundo diálogo mostra a face de um Deus que ama. Ele primeiro faz, ensina com suas atitudes, e leva aqueles que acolhem ao seu chamado à conversão e à missão, a ter um novo agir, não mais pautado pelo legalismo, mas pelo amor.

Jesus dialoga com a samaritana rompendo barreiras de preconceito e hostilidade. Ele a acolhe e estende a ela também o seu chamado, amando-a. Por isso, vale ressaltar o seu discipulado; ela aprende com a atitude de Jesus, e se torna missionária, deixa o cântaro e vai anunciar (cf. Jo 4,28), sendo modelo de fé e de anúncio.

Sobre as hostilidades que aquela mulher sofria, o próprio autor do Evangelho nos dá uma nota importante: a de que judeus não se davam com os samaritanos (cf. Jo 4,9). Sobre este povo, Jeremias escreve:

Desde o momento em que os samaritanos separaram-se da comunidade judaica e construíram seu templo sobre Garizim (no mais tardar ao longo do século IV antes da nossa era), sérias tensões surgiram entre judeus e samaritanos. Do começo do século II antes de nossa era, temos o testemunho das palavras cheias de ódio de Eclo 50,25-26: "Há duas nações que minha alma detesta e uma terceira que nem se quer é nação [cf. Dt 32,21]: os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo estúpido [cf. Dt 32,31] que mora em Siquém". No que diz respeito ao período imediatamente anterior a 150 a.C., Josefo nos fala de uma disputa religiosa entre os judeus do Egito e os samaritanos, apresentada a Ptolomeu Filometor (181-145 a.C.): tratava-se da rivalidade entre os dois santuários de Jerusalém e do Garizim. Foi durante o governo de asmoneu João Hircano (134-104 a.C.) que as tensões assumiram maiores proporções; pouco depois da morte de Antíoco VII (em 129), Hircano apoderou-se de Siquém e destruiu o templo de Garizim, Não é de admirar que, a seguir, o ambiente se tenha mantido carregado de ódio (JEREMIAS, 1983, p. 464).

Para os judeus, os samaritanos eram uma raça impura. É possível concluir, com isso, que aquela mulher sofria todos os tipos de preconceito. "Jesus não se detém no aspecto cultural nem no religioso; vai à raiz, ao homem como criatura de Deus, Criador e Pai, ao homem através de sua relação elementar, corpórea e pessoal, a que a sede e o amor estabelecem" (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 225). O encontro se inicia com Jesus pedindo água à mulher samaritana. Ele toma a iniciativa e é Ele quem rompe as barreiras de preconceito e hostilidade.

Por sua vez, a samaritana correspondeu à iniciativa de Jesus, não foi indiferente. Em diversos momentos, percebemos sua incompreensão em relação às palavras de Jesus, mas mesmo tendo dificuldade de compreensão, não o ignorou.

Quando Ele a inquiriu: “Se compreendesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” (cf. Jo 4,10), vemos que a resposta que ela lhe dá revela sua incompreensão diante das palavras de Jesus. Também no v.15 podemos perceber que ela ainda não havia compreendido que a água a qual Jesus se referia não era a daquele poço, mas a água do seu Espírito. Porém, a sua incompreensão não foi barreira pra que sua vida fosse transformada. Jesus insistiu no diálogo e a mulher correspondeu, assim se deu a transformação.

1.3 O relato bíblico - breve análise do diálogo

Para maior compreensão do diálogo entre Jesus e mulher samaritana, se faz necessário compreender o contexto literário do texto bíblico. Para isso, pontua-se aqui algumas observações que podem iluminar a reflexão. É importante saber que alguns autores, como Barreto e Mateos (2021, p. 4), veem o quarto Evangelho como uma grande obra unitária, em que as partes só podem ser compreendidas em sua relação com o todo. Essa particularidade pode ser percebida nesta perícope de forma muito clara, pois há elementos textuais e temas que se repetem ao longo de todo o Evangelho. A questão da “hora”, por exemplo, que ao longo do quarto Evangelho vai se repetindo e tem profundo significado teológico.

A perícope estudada encontra-se entre dois textos que dão a ela maior significado. Ela segue a cena do ministério de Jesus na Judeia, região que não o acolheu (cf. Jo 3,32) e o último testemunho de João Batista. Vemos que lá em Enom, onde João batizava (cf. Jo 3,23), surge uma discussão entre os discípulos de João e certo judeu, de nome não identificado. Acerca desta discussão, eles seguem até João para informá-lo que Jesus, aquele sobre o qual ele testemunhou, batizava e muitos iam a ele, embora, na perícope seguinte, o autor sagrado nos deixe claro que não era Jesus que batizava, mas sim seus próprios discípulos (cf. Jo 4,2). Diante disso, João declara mais uma vez que ele não é o Cristo, mas, sim, enviado para dar testemunho dele. Em torno disto, é possível afirmar algumas diferenças entre João e Jesus, como afirma Barreto e Mateos :

(embora, na realidade, não batizasse ele pessoalmente, mas os seus discípulos). Com esta frase Jo precisa o afirmado anteriormente (3,22). Para estabelecer a diferença entre Jesus e João pusera em contraste as duas figuras. Agora, porém, quando este já não é necessário, precisa que

batizavam os discípulos , refletindo a prática das comunidades cristãs. Aparece outra diferença entre Jesus e João. O trabalho deste era pessoal seu, sem continuação; seus discípulos não batizavam. O trabalho de atração de Jesus pode-se exercer, porém, por meio de outros e anuncia futuro fecundo. João é um final, Jesus um princípio (3,30). (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 211).

A perícopre seguinte ao diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, apresenta a cura do filho de um funcionário real. Jesus, depois de ficar dois dias com os samaritanos, segue novamente para Caná da Galileia. Lá tinha realizado seu primeiro sinal, onde transformou água em vinho, e agora realiza ali novamente um sinal, o seu segundo. Neste contexto, vemos, segundo afirmação de Mateos e Barreto, que “a volta de Jesus a Caná encerra um ciclo que inclui sua atuação em Jerusalém e os seus batismos na Judeia” (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 241).

Retornando à perícopre objeto de reflexão, esta narrativa está presente apenas no quarto Evangelho, não foi apresentada nos sinóticos. Isso acontece também com outros textos: é o caso, por exemplo, da narrativa da ressurreição de Lázaro (cf. Jo 11). A passagem bíblica objeto do presente estudo é a de Jo 4,1-42. Quando Jesus soube que os fariseus ouviram que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João, Ele deixa a Judeia e retorna a Galileia, passando pela Samaria, local onde se desenvolve a cena. O final da perícopre (Jo 4,42) é marcado por uma mudança cronológica: Jesus fica por lá durante dois dias e, depois disso, parte para a Galileia.

Vale ressaltar que no meio da perícopre há uma variação de lugar e inclusão de novos personagens. A mulher samaritana vai à cidade anunciar e há o retorno dos discípulos. Nota-se haver, ainda, uma continuação da cena, pois muitos samaritanos creram no anúncio da mulher e foram até Jesus. Diante deste contato com Ele, passam a crer, não mais pelo testemunho da mulher, mas porque viram e ouviram, por eles mesmos, e acreditaram. Conclui-se assim a cena. Vejamos abaixo o relato bíblico:

¹Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João — ²ainda que, de fato, Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos — ³deixou a Judeia e retornou à Galileia. ⁴Era preciso passar pela Samaria. ⁵Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. ⁶Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. ⁷Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: "Dá-me de beber!" ⁸Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. ⁹Diz-lhe, então, a samaritana: "Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?" (Os judeus, com efeito,

não se dão com os samaritanos.) ¹⁰Jesus lhe respondeu: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!" ¹¹Ela lhe disse: "Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?" ¹²És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?" ¹³Jesus lhe respondeu: "Aquele que bebe desta água terá sede novamente; ¹⁴mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna". ¹⁵Disse-lhe a mulher: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!" ¹⁶Jesus disse: "Vai, chama teu marido e volta aqui". ¹⁷A mulher lhe respondeu: "Não tenho marido". Jesus lhe disse: "Falaste bem: 'não tenho marido', ¹⁸pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade". ⁹Disse-lhe a mulher: "Senhor, vejo que és um profeta. . . ²⁰Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar". ²¹Jesus lhe disse: "Crê, mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. ²²Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. ²³Mas vem a hora — e é agora — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. ²⁴Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade". ²⁵A mulher lhe disse: "Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo". ²⁶Disse-lhe Jesus: "Sou eu, que falo contigo". ²⁷Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: "Que procuras?" ou: "O que falas com ela?" ²⁸A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: ²⁹Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?" ³⁰Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. ³¹Enquanto isso, os discípulos rogavam-lhe: "Rabi, come!" ³²Ele, porém, lhes disse: "Tenho para comer um alimento que não conheceis". ³³Os discípulos se perguntavam uns aos outros: "Por acaso alguém lhe teria trazido algo para comer?" ³⁴Jesus lhes disse: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra. ³⁵Não dizeis vós: 'Ainda quatro meses e chegará a colheita'? Pois bem, eu vos digo: Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita. Já ³⁶o ceifeiro recebe seu salário e recolhe fruto para a vida eterna, para que o semeador se alegre juntamente com o ceifeiro. ³⁷Aqui, pois, se verifica o provérbio: 'um é o que semeia, outro o que ceifa'. ³⁸Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes no trabalho deles". ³⁹Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: "Ele me disse tudo o que fiz!" ⁴⁰Por isso, os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias. ⁴¹Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele ⁴²e diziam à mulher: "Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo". (Jo 4, 1-42)

A narrativa é longa e bastante profunda. Nela encontramos indicações de tempo e lugar, entrada de novos personagens e mudança de cena. Ela “descreve a acolhida feita a Jesus na Samaria, por oposição à rejeição dos ambientes da Judeia. A região heterodoxa e desprezada compreende sua situação e acolhe o salvador” (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 218). A narrativa levanta pontos centrais, como o tema do Espírito, simbolizado pela água que Jesus oferece à mulher samaritana.

Barreto e Mateos (2021, p. 218) apresentam a estrutura do relato dividindo-o em sete momentos:

- 4,4-6: Chegada a Samaria. Dados descritivos.
- 4,7-15: A mulher samaritana: o poço de Jacó e a água do Espírito.
- 4,16-26: Os cultos do passado e o novo culto. O Messias.
- 4,27- 30: Os discípulos. Anuncio da mulher aos de sua aldeia.
- 4,31-38: A colheita em perspectiva.
- 4,39-42: A realidade da colheita: a fé dos samaritanos.
- 4,43-44: Saída da Samaria.

A apresentação da estrutura da perícope dessa forma, permite-nos destacar e compreender melhor os temas centrais abordados em cada bloco de versículos mencionado e, por conseguinte, a cena como um todo. Usaremos esta divisão como base para reflexão neste trabalho. Vale destacar que limitaremos aqui a uma breve análise teológica, uma espécie de breve comentário, pois o intuito não é apresentar uma análise exegética detalhada, ainda que se tenha em conta os contributos deste tipo de análise. Deseja-se apenas lançar luzes sobre a cena em questão, para iluminar a reflexão em torno da iniciativa salvífica de Jesus, e da fé e do discipulado da mulher samaritana.

O primeiro bloco de versículos pode, em um primeiro momento, passar despercebido aos olhos do leitor, mas ele é importante e nos apresenta alguns dados muito valiosos. Se inicia com a informação de que era preciso passar pela Samaria para então chegar a Galileia. Esta não é uma afirmação sobre locomoção geográfica, mas sim, de significado teológico. Konings nos apresenta a expressão “era preciso” como típica para indicar o plano do Pai na atuação de Jesus (KONINGS, 2005, p. 125). Isso mostra a fidelidade de Jesus à sua missão e o seu desejo de salvar a todos.

Além deste dado, as informações descritivas também são significativas. Neste trecho nos são fornecidas características do tempo e espaço, bem como a informação de que Jesus estava fatigado da viagem, e por isso sentou-se junto à fonte. Isso ressalta a humanidade de Jesus. Sobre isso, o Papa Bento XVI pontuou certa vez:

A fadiga de Jesus, sinal da sua verdadeira humanidade, pode ser vista como um prelúdio da paixão, com a qual Ele completou a obra da nossa redenção. Sobretudo, no encontro com a samaritana no poço, sobressai o tema da «sede» de Cristo, que culmina com o seu brado na cruz: «Tenho sede» (Jo 19, 28) (BENTO XVI, 2011).

Ao longo do diálogo, Jesus se revela como o Messias para esta mulher (cf. Jo 4,26), mas primeiramente se apresenta assim, fatigado e com sede.

A mulher chega ao poço para tirar água e Jesus está lá, sozinho, pois seus discípulos haviam ido à cidade. Então, ele pede de beber a esta mulher. A primeira atitude dela é indagar sobre aquele pedido, sentido como inusitado, pois há uma discórdia existente entre judeus e samaritanos (cf. Jo 4,9).

Diante da indagação desta mulher, Jesus prende sua atenção, lhe fala de uma outra água, a água viva. Mas ela não compreende Jesus, pensa na água do poço, enquanto Jesus fala do Espírito. Mas Jesus insiste. Perante a incompreensão da mulher, ele não dá por encerrado o diálogo e torna a falar da água viva, despertando nela o desejo por esta água (cf. Jo 4,15).

No terceiro bloco, Jesus pede àquela mulher que chame o seu marido, e a resposta dela (de que não possuía marido) é sincera e sem rodeios. Diante da sinceridade dela, Jesus revela à mulher que ele é o Messias. Neste trecho, encontramos a discussão acerca do verdadeiro lugar de adoração, que agora não é mais um lugar, mas sim, um modo: adorar o Pai em espírito e em verdade (cf. Jo 4,23). Barreto e Mateos afirmam que

A passagem brusca da temática anterior, da temática da Água/Espírito a dos maridos é incompreensível no plano meramente histórico. Não que Jesus queira mostrar à mulher o seu poder de adivinhação para fazê-la compreender que não era homem qualquer. Também não se trata de dar-lhe lição de moral; o tema é bruscamente cortado (4,18-19), sem que Jesus volte a ele. Este trecho do diálogo ganha sentido contra o fundo profético, em particular Oséias.

Este profeta fala da prostituta (Os 1,2) e da adúltera (3,1) que são símbolos do Reino de Israel, que tinha Samaria por capital. Sua prostituição e adultério consistiam em ter abandonado o verdadeiro Deus (2,4.7-9.15;3,1). A origem da idolatria dos samaritanos é narrada em 2Rs 17,24-41, onde se mencionam cinco ermidas de deuses; e além disso, o culto a Javé. A estas cifras aludem as palavras de Jesus (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 225).

No centro da divisão, encontramos nos versículos de 27 a 30 o deixar do cântaro e o anúncio da samaritana junto aos samaritanos (cf. Jo 4,28). Ela dirige-se à cidade e diz a todos: “Vinde ver um homem que disse tudo que fiz”. Ela anuncia o Cristo e, assim, se torna discípula e missionária.

Neste quarto conjunto, vemos a resposta da mulher, não com palavras, mas com uma ação concreta de anúncio. Ela, ao deixar o cântaro, deixa sua conexão com o poço, com a Lei (BARRETO; MATEOS, 2021, p. 233). O anúncio da samaritana,

conforme a compreensão destes autores, é similar ao anúncio feito pelos discípulos quando encontram Jesus pela primeira vez, como, por exemplo, vemos com André, que depois do seu encontro com Jesus vai buscar seu irmão (cf. Jo 1,41) e Natanael, que vai a Filipe (1,45). Aqui a mulher samaritana, vai à cidade anunciar (cf. Jo 4,28). De fato, não se pode negar que esta mulher é discípula, pois sua atitude missionária comprova isto; ela, assim como os discípulos André e Natanael, anuncia.

No quinto bloco, vemos o diálogo de Jesus com seus discípulos. As palavras de Jesus, mais uma vez, não são compreendidas. Jesus diz que tem para comer um alimento que eles ainda não conhecem (cf. Jo 4, 31) e eles perguntavam uns aos outros se por acaso alguém teria trazido algo para que ele comesse. A samaritana, de início, não compreendeu as palavras de Jesus, mas ao longo do diálogo ela crê. Agora, por sua vez, os discípulos também não compreendem Jesus, mas Ele os esclarece: o alimento é fazer a vontade daquele que o enviou (cf. Jo 4,34).

Nos dois blocos finais, vemos a transformação dos que ouviram as palavras que a samaritana anunciou. Muitos samaritanos daquela cidade, primeiramente, creram pelas palavras daquela mulher, posteriormente, não mais; creram porque eles mesmos ouviram (cf. Jo 4,42). Antes da saída de Jesus da Samaria, Ele permaneceu ali com eles por dois dias, atendendo ao pedido que eles fizeram (cf. Jo 4,42), pedido este que demonstra a transformação proporcionada pelo encontro com Cristo.

A fé daquela mulher gera frutos, é uma fé autêntica. A transformação que Jesus lhe proporciona não se encerra nela mesma, mas se estende porque ela dá na medida em que recebe, dá em dom de si mesma, anuncia com amor e generosidade. Todos podem identificar-se com a mulher samaritana, ela é modelo de discipulado. O Papa Bento XVI, certa vez, pontuou que, “graças ao encontro com Jesus Cristo e ao dom do Espírito Santo, a fé do homem alcança o seu cumprimento, como resposta à plenitude da revelação de Deus. Cada um de nós pode identificar-se com a mulher samaritana” (BENTO XVI, 2011).

Se a cada um é possível a identificação com esta mulher, o seu discipulado tem muito a ensinar e inspirar no serviço e na missão de cada cristão. Em especial, junto àqueles que estão à margem, que sofrem com o preconceito e com a exclusão, pois Jesus rompe barreiras e ultrapassa convenções sociais, culturais, étnicas e até religiosas para restaurar a dignidade humana e alcançar a todos.

CAPÍTULO II: O SEGUIMENTO DE JESUS

O seguimento a Jesus Cristo é característica de todo discípulo. Mas é preciso entender que este seguimento não é vazio de conteúdo e sem propósito. Esta atitude de seguir leva o discípulo ao conhecimento e à intimidade com o Cristo. Pode-se ver nos Evangelhos que Jesus ora se dirige às multidões, ora fala aos seus discípulos de forma particular, o que indica uma diferenciação. O discípulo é aquele que é convidado a deixar tudo para seguir Jesus (cf. Mc 10,23-30).

Sobre as multidões, Comblin as apresenta como sendo compostas daqueles aos quais Jesus se sente irmão:

Correu sua fama por toda a Síria, e traziam-lhe todos os doentes de várias enfermidades e moléstias graves, possessos do demônio, lunáticos, paralíticos, e ele os curava” (Mt 4,23-24). Essas multidões à procura da saúde, que ainda hoje, às vezes, se concentram em certos santuários, são a imagem de uma humanidade abandonada. Dessa humanidade, Jesus se sente irmão. “Percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando a boa-nova do Reino e curando todas as doenças e enfermidades. Ao ver a multidão, ficou profundamente penalizado, porque estava fatigada e estendida por terra como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,35-36) (COMBLIN, 2010, p.27).

Vê-se que Jesus não é indiferente à multidão de pessoas. Ele ensinava e pregava a Boa-Nova do Reino a todos, e deles sentia profunda compaixão. Já em relação aos discípulos, vemos que Comblin os apresenta como aqueles dos quais “Jesus se sente irmão de modo mais especial e mais pessoal: são os discípulos que ele próprio escolheu” (COMBLIN, 2010, p.32), com eles cultivava maior proximidade.

Partindo da leitura dos Evangelhos, Rocha apresenta seguimento e discipulado como sinônimos (ROCHA, 1982, p. 12). É comum encontrar nos Evangelhos o convite de Jesus expresso pelo simples “Segue-me!” (cf. Jo 1,43; 21,19), mas também se pode encontrar relatos de pessoas que o seguem antes mesmo deste chamado direto, como é o caso, inclusive, da mulher samaritana (cf. Jo 4,28), a qual se busca apresentar neste trabalho como modelo de discipulado. Ela, depois de seu diálogo com ele, não espera um convite formal; ela crê, deixa seu cântaro e vai anunciar. Também é o caso dos homens da Samaria que ouvem o anúncio da mulher samaritana e vão ouvir, por eles próprios, as palavras de Jesus (cf. Jo 4,39).

O seguimento a Cristo exige de cada discípulo fé e compromisso. Fé que não é entendida aqui puramente como um ato, mas também como dom de Deus. O próprio

Jesus afirma: “ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai” (cf. Jo 6,65). Assim, compreende-se que a fé é dom de Deus, que pode ser acolhido ou não por cada um. A fé, quando abraçada, pode levar ao rompimento com a vida anterior e ao compromisso com a missão que é concedida no chamado recebido. Isso, é claro, se for acolhida por aquele que crê, transformando-se em uma fé viva, traduzida em obras e ações concretas de amor a Deus e aos irmãos.

É necessário configurar-se à pessoa de Cristo e deixar que a luz da Palavra de Deus ilumine o caminhar daquele que aceita ser discípulo. Seguir a Cristo é muito diferente de seguir um conjunto de regras. Não se pode reduzir o seguimento de Jesus a práticas piedosas, principalmente se estas estiverem distantes das realidades práticas da vida. Conforme diz o Documento das Conclusões de Aparecida, quando trata sobre este tema, se faz necessário discernir, à luz do Evangelho, sobre o que o discípulo deve fazer nos dias atuais:

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do mesmo Jesus Cristo: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão diante da dor humana, sua aproximação com os pobres e pequenos, sua fidelidade à missão recebida, seu amor serviçal até o dom de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como nos transmitem os Evangelhos para conhecer o que ele fez e para discernir o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias (DAp, 139).

Ou seja, é preciso que fé e vida estejam intimamente ligadas. Com isso em mente, o objetivo deste capítulo é apresentar uma breve análise que aponte a importância de uma fé coerente e um discipulado que abrace a realidade da Igreja nos dias atuais. Ressalta-se que fé e vida devem caminhar juntas. Aqui, de maneira particular, é mencionada a vocação da mulher e seu discipulado, e também como esse fator pode ter um impacto positivo na prática pastoral.

2.1 Ser igreja

A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, apresenta em seu segundo capítulo uma abordagem sobre a Nova Aliança com o novo Povo de Deus. Comunica que essa Nova Aliança foi instituída por Cristo quando chamou as pessoas, dentre judeus e gentios, para tornarem-se, pelo Espírito Santo, povo de Deus (LG 9). Evidencia-se aqui que Jesus chama a todos, toda a humanidade é vista, amada e chamada por Deus, em Cristo. E é por este Espírito que habita na Igreja e nos

corações dos fieis (cf. 1 Cor 3,16) que se pode alargar a compreensão do chamado de Deus.

Ainda no capítulo segundo, a Constituição apresenta as definições do sacerdócio ministerial e comum, que aqui muito enriquecem essa reflexão. A reflexão sobre os documentos conciliares, aqui em particular a *Lumen Gentium*, eleva o olhar para a dignidade de todo povo de Deus, que participa, seja pelo sacerdócio ministerial ou o comum a todos os fiéis, do sacerdócio único de Cristo (LG 10).

Todos os seres humanos são chamados a formar o Povo de Deus (LG 13), não há uma limitação, não se estabelecem pré-requisitos. Todos são chamados a formar o novo povo de Deus. Aqui, à luz das indicações conciliares, procura-se ressaltar a dignidade e a missão de cada batizado, para que este se reconheça como parte do Povo de Deus, e saiba que também ele é chamado a dar testemunho de Cristo. Procura-se estar em consonância com a exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado a santidade no mundo atual, na qual o Papa Francisco exclama:

Não pensemos apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus, porque «aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente». O Senhor, na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo.

Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade «ao pé da porta», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da «classe média da santidade». (GE 7-8).

Nestes números, percebe-se que o Papa leva a Igreja a lembrar que Deus quis entrar na dinâmica de um povo. Francisco aponta que gosta de ver a santidade do povo paciente de Deus, daqueles aos quais ele chama de “santos ao pé da porta”. Ele coloca a dinâmica da santidade no dia a dia do Povo de Deus, não propõe uma fé apartada da realidade, muito pelo contrário; apresenta um modelo de vivência de uma fé autêntica que engloba a pessoa em sua totalidade, e não apenas alguns aspectos de sua vida.

Francisco ainda convida a Igreja a voltar o seu olhar para os mais humildes, que também participam da função profética de Cristo. É interessante notar como o Papa Francisco, nesta exortação, por vezes, apresenta alguns pontos da *Lumen Gentium*, colocando em evidência a dignidade de todo o Povo de Deus, recordando que o chamado é dirigido a todos, cada um por seu caminho, como diz o Concílio Ecumênico Vaticano II (LG 11).

O discípulo é chamado à santidade, e conforme relembra Francisco, cada um com seu caminho próprio. Os caminhos podem se apresentar de diferentes formas, afinal muitas são as vocações. Mas, embora sejam diferentes umas das outras, são de igual dignidade e importância para a vida da Igreja. Nesta exortação, Francisco também apresenta o exemplo de santidade de algumas mulheres, ao apontar estilos femininos de santidade que, segundo ele, são indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo. Lê-se ali:

A propósito de tais formas distintas, quero assinalar que também o «génio feminino» se manifesta em estilos femininos de santidade, indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo. E precisamente em períodos nos quais as mulheres estiveram mais excluídas, o Espírito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja. Podemos citar Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Lisieux; mas interessa-me sobretudo lembrar tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho (GE 12)

Ele cita grandes nomes da espiritualidade cristã feminina, mas, também, ao apontar as mulheres desconhecidas e esquecidas, coloca em relevo a força e o testemunho das mulheres do hoje de nossa história. Seu olhar de pastor segue o exemplo de Jesus, ao procurar olhar para todos, acolher a todos, e não se furta de exortar a Igreja, para que também ela estenda seu olhar a todas as pessoas, inclusive os pequenos, os humildes, os marginalizados e esquecidos.

Neste sentido, percebe-se o esforço feito por Francisco de, à luz do Evangelho e dos documentos conciliares, que buscam uma “volta às fontes”, valorizar a dignidade de todo batizado, e despertar o Povo de Deus para a consciência da sua importância. E isso ele faz ao convidar a todos para que “deixem que a graça do batismo frutifique em santidade” (GE 15).

Aqui, na Igreja da América Latina, é visto nos documentos das conferências realizadas no pós-concílio o empenho para que acontecesse a recepção do Concílio

Vaticano II no continente. Essa dedicação das conferências levou a um despertar da Igreja local para a vivência de uma fé autêntica que visa um discipulado fecundo, e que considera as realidades próprias da Igreja local. Por exemplo, sobre a Conferência de Aparecida, Brighenti afirma:

... é a renovação do Concílio Vaticano II, em grande medida, um processo pendente, sobretudo com a “involução eclesial” das últimas décadas. A batalha em torno da hermenêutica dos documentos do Concílio é a expressão de um mal-estar criado por setores mais conservadores da Igreja, arraigados a uma postura apologética frente ao mundo moderno, nostálgicos de um passado sem retorno. Com posturas ainda mais fechadas, segmentos tradicionalistas têm fundamentado sua eclesiologia numa Cristologia docetista, divinizando a Igreja, quando o Vaticano II resgatou também seu caráter histórico e humano, estabelecendo uma distinção ou permanente tensão entre carisma e instituição (BRIGHENTI, 2016, p. 677).

Essa reflexão mostra o quanto é preciso crescer na Igreja a consciência de que todos são parte do Povo de Deus. Povo este que caminha na história, pois o Reino de Deus já se faz presente no meio de nós, não é uma realidade distante, muito pelo contrário, se faz presente no aqui e no agora de cada um, ainda que guarde sua dimensão futura, escatológica.

Em um discurso feito aos bispos do CELAM, quando de sua visita apostólica ao Brasil no ano de 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco, apontando sobre o documento de Aparecida, pontuou que “a mudança de estruturas de caducas em novas não é fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesial, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão” (FRANCISCO, 2013). Ele diz, ainda, que essas mudanças de estruturas, que são consequência da missionariedade discipular do povo de Deus, para que aconteçam, necessitam de uma consciência de pertença eclesial. Dos muitos desafios que isso implica, Francisco pontua dois: a renovação interna da Igreja e o diálogo com o mundo atual.

Partindo destes desafios que se apresentam ao discípulo missionário, coloca-se em relevo o papel do discipulado leigo na vida da Igreja, que tem muito a contribuir para essa renovação e esse diálogo. No entanto, por vezes é perceptível não haver uma clara consciência do papel do leigo na vida da Igreja ou um certo menosprezo quanto ao protagonismo leigo. Desta forma, os leigos são vistos como espectadores da fé, sem vivência pastoral ou “meros receptores de sacramentos” (KUZMA, 2009, p. 24). Mas esta não é a visão do Concílio Vaticano II sobre os leigos. Vemos nos

documentos conciliares, ao contrário, a valorização do leigos enquanto sujeitos cuja contribuição é peculiar. Por exemplo, vemos um capítulo inteiro da *Lumen Gentium* (capítulo IV), tratando sobre esta questão. Ali, conclui-se que

Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Todos em conjunto, e cada um por sua parte, devem alimentar o mundo com frutos espirituais (cfr. Gál. 5,22) e nele difundir aquele espírito que anima os pobres, mansos e pacíficos, que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cfr. Mt. 5, 3-9). Numa palavra, «sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo. (LG 38).

Hoje, passados quase 60 anos do encerramento do Concílio, ainda se encontram desafios para a real e efetiva valorização dos leigos, em especial das mulheres. Contudo, ressalta-se, também, que houve muitos avanços, não se pode negar. Hoje, na Igreja, tem-se visto o quanto o Papa Francisco, com seu magistério, tem contribuído para uma maior valorização dos leigos e do papel da mulher na vida eclesial. Na *Evangelii Gaudium*, ele aponta que a Igreja reconhece que a contribuição da mulher na sociedade é indispensável, e isso também é verdade na realidade eclesial. Francisco reconhece que a mulher possui uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens e ressalta que se faz necessário, ainda, “ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103).

2.2 A vocação da mulher e o seu discipulado

Partindo desta necessidade de ampliar os espaços para uma presença mais incisiva das mulheres na vida eclesial, bem como também na reflexão teológica, deseja-se discorrer um pouco sobre a vocação da mulher e seu discipulado. Nas primeiras comunidades cristãs, a figura da mulher era de destaque. Teixeira afirma que, numa sociedade onde as mulheres eram totalmente excluídas, elas puderam atuar nas comunidades cristãs em igualdade com os homens. (TEIXEIRA, 2010, p. 56).

O Novo Testamento nos mostra o papel de destaque que Jesus dá às mulheres. No primeiro capítulo desta pesquisa, vimos a apresentação das mulheres presentes no quarto Evangelho, com foco na mulher samaritana. Essas narrativas demonstram que a participação feminina na evangelização é relevante para Jesus.

No livro dos Atos dos Apóstolos vemos que não era pouco o número de mulheres que se convenciam da autenticidade do anúncio sobre Cristo e se uniam a Paulo (cf. At 17,4) e as Igrejas cresciam neste período.

Segundo Almeida (2009, p 33), nas Igrejas domésticas deste período as mulheres tinham um papel relevante. Muitos indícios nos são dados pelas cartas de Paulo que apresentam grande número de mulheres, mencionando-as, inclusive, nominalmente: Ninfas (cf. Cl 4,15), Priscila (cf. 1Cor 16,19) e Lídia (cf. At 16,13-15), dentre outras. Também Teixeira evidencia esta característica ao afirmar que:

Pode-se notar que a presença da mulher no mundo judaico antigo (povo de Israel), sobretudo no judaísmo do tempo de Jesus, tem desempenhado um papel significativo ao longo do período entendido como comunidade cristã primitiva, cujas implicativas são apresentadas dentro de um olhar crítico, ético e libertador (TEIXEIRA, 2010, p. 62).

É fato que o papel da mulher no cristianismo primitivo era de destaque, conforme visto. E o papel da mulher na Igreja hoje também é de grande importância. Com o Concílio Vaticano II, alcançou-se muitos avanços em relação ao reconhecimento dos fiéis leigos, e também das mulheres, sejam religiosas ou leigas. Beozzo aponta ser “a primeira vez que leigos – nem soberanos nem embaixadores – estiveram presentes num Concílio, não passivamente, mas de maneira ativa, tendo colaborado efetivamente para a preparação do nosso esquema.” (BEOZZO apud DOMEZI, 2016, p. 115) e recorda que, inclusive, ao final, foram emitidas mensagens a categorias de pessoas convidadas, dentre elas as mulheres (DOMEZI, 2016, p. 115).

É possível notar que, mesmo que de forma tímida, as constituições conciliares abordaram questões sobre a mulher. Podemos ver isso, por exemplo, quando trata da questão dos leigos e da unidade na diversidade (LG 30; 32); quando fala da relação de igualdade entre todos os seres humanos e do quanto é lamentável que os direitos fundamentais de todas as pessoas não sejam ainda respeitados, neste ponto, exemplificando que as mulheres, por vezes, não têm os seus direitos respeitados (GS 29); quando fala da atuação feminina no seio familiar (GS 48); e também em relação a sua atuação na sociedade e na cultura (GS 31), dentre outros. É um pequeno avanço, e deve ser reconhecido.

Em 1988, o Papa João Paulo II publicou, em razão do ano mariano, uma Carta Apostólica intitulada *Mulieris Dignitatem*. Esta carta foi escrita em estilo e caráter de

meditação (MD 2). Ela procura suscitar uma reflexão em toda a Igreja, levando-a a acolher com profundidade a dignidade e a vocação da mulher.

Este é um documento importante, pois apresenta pontos relevantes ao discorrer sobre a dignidade e a vocação da mulher. Nele, João Paulo II discorre sobre pontos como: o sinal dos tempos; o ano Mariano; sobre Maria Mãe de Deus e o dogma da maternidade divina; sobre a relação entre Maria e Eva; as mulheres nos Evangelhos; apresenta a maternidade e a virgindade como as duas dimensões da vocação da mulher; a questão da Igreja como Esposa de Cristo e o dom da Caridade, entre outros; estes são os temas que perpassam o documento. A sua linguagem, por vezes, impõe certos limites à reflexão em torno da vocação da mulher, podendo soar até um pouco reducionista, o que não favorece para que dignidade da mulher seja plenamente respeitada.

Mas, ressalta-se que é um documento importante, nele não há apenas pontos negativos, como dissemos sobre a linguagem, mas há também positivos, pois a carta estimula, em certa medida, o pensar a vocação e a dignidade das mulheres. Os temas que perpassam o documento são importantes para a reflexão, seja ela de cunho teológico ou pastoral. No número sete desta carta, ao comentar sobre a sugestão da semelhança entre as pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade, o documento aponta com esta semelhança que o homem e a mulher não podem se encontrar plenamente, senão pelo dom sincero de si próprio (MD 7). Ou seja, o homem e a mulher são chamados a ser dom, a tornar-se dom para o outro, e isso diz respeito a todo ser humano, seja homem ou mulher.

Homens e mulheres devem atuar na peculiaridade de cada um. A mulher e o homem tem a mesma dignidade de filhos de Deus, e isso não quer dizer que um deva agir como o outro. É necessário que se reconheça que as particularidades de cada um devem ser respeitadas e valorizadas, pois todos são chamados a ser Igreja e agir em favor dela, respeitando as diferenças e a dignidade de cada um. Mas ainda se faz necessário que seja plenamente reconhecida a dignidade das mulheres.

A mulher tem uma capacidade singular de doar-se, de colocar-se a serviço. Na *Mulieris Dignitatem* lê-se o seguinte:

A dignidade da mulher está intimamente ligada com o amor que ela recebe pelo próprio fato da sua feminilidade e também com o amor que ela, por sua vez, doa. Confirma-se assim a verdade sobre a pessoa e sobre o amor. Acerca da verdade da pessoa, deve-se uma vez mais recorrer ao Concílio Vaticano II: « O homem, a única criatura na terra que Deus quis por si mesma,

não pode se encontrar plenamente senão por um dom sincero de si mesmo ». Isto se refere a todo homem, como pessoa criada à imagem de Deus, quer homem quer mulher. A afirmação de natureza ontológica aqui contida está a indicar também a dimensão ética da vocação da pessoa. A mulher não pode se encontrar a si mesma senão doando amor aos outros (MD 30).

Essa dimensão ética da vocação da pessoa apresentada na citação acima, mostra um pouco como é o agir das mulheres no seu servir. Elas se doam e servem com amor. Jesus pede aos seus discípulos que amem, e que este amor não seja vivido de qualquer modo. O discípulo é chamado a amar como o próprio Jesus amou (cf. Jo 13,34), e as mulheres fazem isso com maestria. Naquele mesmo número, aponta-se ainda que

A força moral da mulher, a sua força espiritual une-se à consciência de que Deus lhe confia de uma maneira especial o homem, o ser humano. Naturalmente, Deus confia todo homem a todos e a cada um. Todavia, este ato de confiar refere-se de modo especial à mulher — precisamente pelo fato da sua feminilidade — e isso decide particularmente da sua vocação (MD 30).

É chegada a hora desta força da mulher ser colocada em evidência. Na atuação pastoral das comunidades paroquiais as mulheres são muito atuantes. Urge que seu protagonismo seja reconhecido e fortalecido, assim como o era nas primeiras comunidades cristãs.

Na conclusão desta carta, o Papa João Paulo II apresenta um pequeno trecho do diálogo entre Jesus e a mulher samaritana. Ele apresenta o questionamento que Jesus faz àquela mulher: “se conhecesses o dom de Deus” (cf. Jo 4,10). Ele diz que as orientações do documento são para levar ao reconhecimento do dom de Deus, aquilo que Ele, criador e redentor, confia à mulher, a toda mulher (MD 31). E finaliza pontuando que a Igreja rende graças por toda e cada mulher, pelo seu dom e vocação na Igreja. Tudo isso é importante, mas é preciso que assim seja de fato, que isso se torne concreto no dia a dia da vida eclesial e não se reduza apenas a palavras bonitas em um documento. Este “render graças a Deus” mencionado, deve promover uma transformação nas estruturas eclesiais que reflitam de maneira efetiva a igualdade na diversidade de dons e realidades.

2.3 O papel da mulher na Igreja latino-americana

No encontro com o comitê diretivo do CELAM, que ocorreu em 2017, o Papa Francisco, ao falar da Igreja na América Latina, diz que ela é capaz de ser sacramento de esperança, e destaca que a “esperança no continente latino-americano tem um rosto jovem e feminino que passa através do coração, da mente e dos braços dos leigos” (FRANCISCO, 2017). Ao falar sobre este rosto feminino da esperança, o Papa recorda que, sem as mulheres, a Igreja do continente perderia a força de renascer continuamente, pois são as mulheres que acendem e reacendem a chama da fé.

A dignidade da vocação da mulher na vida da Igreja deve ser compreendida e urge que assim seja. Francisco ainda diz que “é uma séria obrigação compreender, respeitar, valorizar e promover a força eclesial e social das mulheres” (FRANCISCO, 2017). Em outro ponto, ele faz um apelo para que as mulheres não sejam reduzidas a meras servas do clero, e que sejam elas protagonistas na Igreja latino-americana. Cabe a todos ouvir este apelo.

Se vê nos documentos das conferências do CELAM um aumento na pontuação sobre temas que tratam sobre as mulheres nos documentos. Embora apenas tocar no assunto não resolva o problema da falta de reconhecimento conferido às mulheres, esse é sim um ponto de partida. Porém, mais do que falar, se faz necessário pôr em prática ações concretas que efetivem o reconhecimento e a valorização da atuação feminina no meio eclesial, conferindo a elas vez e voz.

No compêndio das conferências de bispos da América Latina e Caribe, organizado por Agenor Brighenti e João Décio Passos, em uma tabela organizada das palavras-chave em cada um dos documentos das cinco conferências, vemos claramente que, de fato, uma maior importância foi sendo dada ao tema da dignidade da mulher ao longo dos anos.

Quando se promove a busca, guiada pela palavra-chave “mulher(es)”, vemos que nos documentos das conferências o termo encontra-se citado na seguinte disposição: apenas uma vez na Conferência do Rio de Janeiro (1950); três vezes em Medellín (1968); em Puebla (1979) já se vê um avanço, sendo o termo mencionado 32 vezes; em Santo Domingo (1992), 35 vezes, e; em Aparecida (2007), 54 vezes (BRIGHENTI; PASSOS, 2018, p. 523).

Domezi, neste mesmo compêndio, pontua que na conferência do Rio de Janeiro não foram convidadas mulheres. No entanto, mesmo que ausentes

formalmente, elas atuaram de forma influente. Mulheres articulavam-se nos bastidores da Conferência e opinavam, ou seja, participavam ativamente. Também, tiveram presença marcante no ano anterior, atuando na preparação e organização do Congresso Eucarístico Internacional (DOMEZI, 2018, p. 413).

No que diz respeito a Medellín, Domezi diz que as mulheres foram atuantes, mas com rosto invisível. Isso porque, “essa Conferência, desafiando o autoritarismo militar, optou radicalmente pelos pobres num compromisso com sua libertação integral, mas deixou as mulheres numa quase total invisibilidade” (DOMEZI, 2018, p. 417). Foi uma Conferência importante, teve a coragem de discernir e assumir desafios. Coragem essa, também devida às mulheres, que estiveram presentes e atuantes. Mesmo sem poder de voto, “fizeram-se sujeitos na oportuna horizontalidade dessa Conferência que aprofundou e alargou o exercício da colegialidade praticada durante o Concílio” (DOMEZI, 2018, p. 417).

Na conferência seguinte, em Puebla, se teve a participação de 41 mulheres, sendo 25 delas, leigas. Porém, Domezi pontua que o número é considerado baixo, devido ao fato de que quase metade delas atuava apenas em serviços de secretaria. Porém, ainda que nos bastidores, fizeram passar suas reflexões acerca da dignidade da mulher latino-americana. E mostraram a força da presença e atuação feminina na Igreja, através dos vários serviços. (DOMEZI, 2018, p. 418-419)

Já na conferência de Santo Domingo, houve a participação de 23 mulheres, e seu documento apresentava uma linguagem que era, de certa forma, mais inclusiva. Nela se retomou a reflexão teológica de Puebla e, em alguns parágrafos do documento final, reconheceu duas contradições:

a de que o crescimento da consciência da igual dignidade do homem e da mulher, na sociedade e na igreja, não se está traduzindo na prática (105); e a de que, não obstante o crescimento da solidariedade entre homens e mulheres na família e na construção do mundo, faltam passos mais concretos no sentido de igualdade real e de reciprocidade entre homem e mulher (106) (DOMEZI, 2018, p. 420-421).

Já em Aparecida, se contou com a atuação de 25 mulheres, contando, pela primeira vez, com a participação de uma mulher de outra religião, “uma pastora de outra Igreja. Doutora Ofelia Ortega, da Nicarágua, foi convidada como pastora da Igreja Presbiteriana e como co-Presidente do Conselho Mundial de Igrejas” (DOMEZI, 2018, p. 422). O documento conclusivo de Aparecida, além de ter também uma

linguagem mais inclusiva, contém uma denúncia a várias formas de discriminação, exclusão e violência em relação às mulheres. Ou seja, é possível observar avanços, mesmo que, ainda, de forma tímida.

É significativo ver a participação de mulheres nas conferências. Não se pode negar que tivemos vários avanços. Mas, como já mencionado, ainda é preciso percorrer um longo caminho para se ter plena compreensão da relevância da participação feminina na vida eclesial, resultando em sua valorização, e não somente isso, para estimular, cada vez mais, sua participação. Com isso ressalta-se que a reflexão em torno do diálogo entre Jesus e mulher samaritana, que foi uma missionária singular, tem muito a contribuir para uma tomada de consciência maior em torno da reflexão sobre a mulher em sua atuação missionária na vida da Igreja.

Neste longo caminho de reconhecimento que a sociedade e a Igreja ainda têm a percorrer, o testemunho da mulher samaritana é significativo. Ele mostra que a mulher tem força, tem ousadia e coragem, é decidida, é persistente, é comunicativa, e tem plena capacidade de ser atuante e protagonista no seio social e eclesial. Já o é, embora, por vezes, este protagonismo não seja devidamente reconhecido.

CAPÍTULO III: A SAMARITANA COMO MODELO DE DISCIPULADO

Conforme a análise proposta no primeiro capítulo, viu-se que o diálogo presente no encontro entre Jesus e a samaritana foi decisivo para a vida desta última. Conversar com Jesus, ouvir e crer em suas palavras a tornou discípula de Cristo. Jesus diz à mulher samaritana: dá-me de beber! (cf. Jo 4,7). Ela, mesmo espantada com este pedido, seu questionamento indica isto (cf. Jo 4,8), dá atenção a Ele. Jesus, ali, naquele poço, inicia um diálogo muito improvável de acontecer, mas diante do inesperado, Jesus é reconhecido, amado e seguido.

Este diálogo marcante nos permite fazer reflexões que iluminam nossa compreensão a respeito do seguimento de Cristo. Jesus chama a todos, sem distinção. Assim, em complementaridade à pontuação da vocação e dignidade da mulher, bem como da relevância do seu papel na Igreja latino-americana apresentada no capítulo anterior, adotaremos aqui a mulher samaritana como modelo de discipulado, sobretudo o discipulado feminino.

Já foi pontuado neste trabalho que esta mulher foi discípula de Jesus, ela ousou anunciar o que Jesus lhe revelou. Seu anúncio não pode ser colocado em xeque, pois ela é testemunha daquele que se apresentou a ela como sendo o Messias (cf. Jo 4,26), Ele não esconde desta mulher quem é, Ele se mostra tal como é, e ela crê.

Este diálogo é profundo, e nem sempre é de fácil compreensão, pois é rico em simbolismos. Nele, vê-se um Deus que se revela, ama e acolhe. Este Deus que se revela é amor (cf. 1Jo 4,16). É justamente o reconhecimento do amor misericórdioso de Deus que faz com que esta mulher anuncie aquele a quem ela encontrou (ou melhor dizendo, que a encontrou). Este reconhecimento confere autenticidade e esperança ao seu testemunho. Reconhecer que Deus é amor, que Ele ama, é importante na decisão de acolher a missão e nela seguir e insistir, sem olhar para trás. Costa apresenta que: “Jesus instaurou a era do amor. Os apóstolos, os mártires e os santos foram estabelecendo-a por toda parte. É preciso que a ação missionária de Deus reimplante o mundo no amor de Deus” (COSTA, 2019, p. 49).

A fé e o discipulado desta mulher são inspiradores para o ser cristão nos dias atuais, principalmente para as mulheres. Há uma luta pelo reconhecimento da dignidade da mulher enquanto pessoa, na sociedade e na Igreja. Procura-se destacar, neste capítulo, a necessidade de pôr em relevo as discussões sobre a mulher e sua

atuação, seja no âmbito eclesial, seja no âmbito social. Também mostrar como pensa, e o quanto contribui a Igreja para estas discussões.

3.1 Os desafios da mulher na sociedade e na Igreja

Não há como negar que são muitos os desafios enfrentados pelas mulheres. Ainda se vive em um contexto marcado pelas desigualdades sociais, de gênero, raciais, econômicas, entre outras. As mulheres são, por vezes, marginalizadas e exploradas, quase que totalmente excluídas da vida política, econômica e cultural. São colocadas em situação de exclusão e vulnerabilidade. Às vezes, são excluídas e marginalizadas na própria Igreja. Vejamos alguns pontos que os autores trazem quanto a isso e que ajudam a ilustrar a questão:

Na época atual, as mulheres ocupam com competência postos cada vez mais importantes nos organismos políticos, econômicos e acadêmicos. Há décadas eles recusaram restringir sua voz ao ambiente doméstico. Sem descurar de sua tarefa no interior da família, saíram em busca de uma autonomia econômica, pressuposto de outros objetivos a serem posteriormente conquistados. Sua luta pelo direito a voto, ao ingresso nas universidades, à utilização de métodos contraceptivos para não se verem condicionadas ao ofício de procriar e cuidar da prole, fizeram delas agentes sociais capazes de ocupar postos de comando. Certo, ainda há muito por fazer. No Brasil, muito embora elas somem 52% da população, sua presença no Congresso Nacional está reduzida a 15% das cadeiras ocupadas. De 513 cadeiras na Câmara, somente 77 são destinadas a elas. No Senado, 12 delas foram conquistadas por mulheres, entre 81 disponíveis. (MARIOTTI; OTTAVIANI; SANTINTON, 2019, p. 13)

Os avanços alcançados são relevantes, mas insuficientes. É fato que os desafios enfrentados não são uma realidade nova, e isso não diz respeito apenas ao âmbito político e social. Como já pontuado aqui, na esfera eclesial também são inúmeros os desafios. Quanto a isso, vejamos o que dizem os autores:

Se olharmos para as estruturas eclesiais, veremos que é mínima senão nula a sua presença nos postos eclesiásticos de comando ou de decisão. Nos seminários, sua presença, salvo exceções, está reduzida à cozinha ou aos serviços de limpeza e arrumação. Poucas são aquelas que têm uma presença ativa nas estruturas formativas. Um olhar de relance sobre as universidades, faculdades ou institutos voltados para a formação religiosa ou sacerdotal, mostra que o número de mulheres que lecionam ou ocupam cargos de direção é ainda menor que no Congresso Nacional. Nas cúrias diocesanas contam-se nos dedos as presenças femininas nos organismos de decisão. (MARIOTTI; OTTAVIANI; SANTINTON, 2019, p. 13-14)

Como é possível notar, a resistência em relação ao reconhecimento da competência da mulher para atuação em altos cargos, que sejam de comando e decisão, ainda parece muito maior na Igreja. Neste ponto, percebe-se que falta ainda uma releitura da própria história da Igreja, pois como já mencionado neste trabalho, no cristianismo primitivo o papel da mulher era de protagonismo. E não teria porque ser diferente na atualidade.

É necessário voltar o olhar para Jesus (cf. Hb 12,2) e contemplar a forma como Ele tratava a todos e aprender com Ele. Como destacado no capítulo anterior, ser discípulo é mais que seguir regras ou normas, ser discípulo é aprender com o mestre e agir como ele. Cristo valorizava os pequenos, os doentes, os marginalizados e desprezados pela sociedade. As mulheres que Jesus encontrava, ele acolhia, compreendia, curava e encorajava, reconhecendo-lhes a sua dignidade. Sobretudo nos encontros com as mulheres que eram tidas pela sociedade de sua época como pecadoras, vemos que, neles, Jesus conferia a elas a consciência desta dignidade.

No encontro de Jesus com a samaritana, há reciprocidade e abertura, que fez com que este diálogo fosse decisivo na vida dessa mulher. Com ela, Ele falou sobre os mistérios de Deus, revelou ser Ele o Messias, anunciou que chegou a hora em que os verdadeiros adoradores adorarão, não lhe esconde as coisas importantes, não nega a ela o Reino de Deus. Ele revela a todos que o Reino de Deus chegou, que se faz presente, que a hora presente é a hora da salvação, a hora da verdadeira adoração. Muitas mulheres seguiam Jesus, não apenas por ouvir falar dele, mas porque o próprio Jesus se apresentava, elas eram vistas e acolhidas por Ele, o ouviam e o seguiam. E no momento de sua exaltação na cruz, elas ficaram lá, o seguiram até o fim, foram fiéis no seu discipulado.

Francisco tem contribuído com muitas iniciativas para que o papel da mulher seja reconhecido e valorizado na Igreja. Recentemente, entre os novos membros nomeados por ele para o Dicastério para os bispos, três foram mulheres, simbolizando um pequeno avanço. Ele leva a Igreja a reconhecer as diferenças existentes entre o homem e mulher, mas ao apontá-las ele não menospreza nenhum e nem outro, pelo contrário, valoriza ambos, cada qual em sua particularidade, e ainda chama a atenção para que a mulher seja respeitada e valorizada. A hierarquia da Igreja parece estar, ainda, em alguns momentos, indisposta a respeitar e valorizar, efetivamente, a dignidade e o valor da mulher. Vejamos o que algumas autoras apontam sobre o pensamento de Francisco acerca das mulheres:

... mas o magistério de Francisco é rico em gestos e palavras sobre as mulheres: ele se abaixa para lavar os pés das mulheres, pela primeira vez, na história da liturgia da quinta-feira santa (2013); visita cárceres femininos; cria comissões de estudo sobre o diaconato feminino com a participação efetiva de mulheres; nomeia mulheres para participar a outras comissões, como a co-missão responsável para tratar dos abusos sexuais na Igreja e a exercer cargos importantes no Vaticano e no mundo. Em seus escritos, Francisco quer dar visibilidade a presença feminina na Igreja, sua participação em todas as expressões da vida eclesial e o exercício de seu ministério, incluindo, hoje, os ministérios de leitorado e acolitamento, abertos às mulheres de forma estável e institucionalizada, com um mandato especial. Dessa maneira, exalta ainda mais o papel da mulher, tornando-a sujeito eclesial (PERETTI; QUEIROZ, 2021, p. 136).

O Papa Francisco exalta o papel da mulher colocando-a como sujeito eclesial, e essa perspectiva precisa ser trabalhada na hierarquia como um todo. É importante que a Igreja se posicione diante de preconceitos e violências sofridos pela mulher, e seja ela a primeira a lutar pra vencer as barreiras que impedem que a mulher seja reconhecida, denunciando qualquer atitude que seja de ódio ou discriminação.

Papa Francisco é profético no seu pontificado, tem a coragem de falar com todos e olhar para todos, assim como fazia Jesus. Ele não tem medo de se expor ao falar de temas que, para muitos, parecem espinhosos, mas que ele reconhece como necessários. Vejamos o que nos apresenta Lopes, falando sobre Francisco:

Ele se vê como irmão entre os irmãos e demonstra extrema solicitude na missão de confirmar os irmãos na fé e de abrir-se ao diálogo com todos que assumem como peregrinos na estrada da vida na expectativa permanente do encontro com o Senhor. Isso nos faz entrever o encontro de Jesus e a mulher samaritana que, em princípio, são dois estranhos, mas que através do encontro e abertura ao diálogo vivem uma experiência de caminhar juntos como a profundidade existencial (Jo 4,1-30) (LOPES, 2022, p. 313).

Francisco se coloca como irmão entre os irmãos. Sua postura de humildade facilita em certo ponto a familiaridade com os mais humildes, com os que muitas vezes não se sentem acolhidos na vida comunitária em nossas Igrejas. Lopes ainda aponta:

Mas qual é o lugar que o Senhor poderá encontrar o seu povo se não na vida vivida por este povo? Quais as possibilidades de o senhor passar e não encontrar o seu povo? É claro que somente se este povo não se assumir como tal, não se envolver com a vida que tem, se negar as contradições existentes e os processos nos quais está inserido é que poderá não estar no lugar que o senhor poderá encontrá-lo. O espaço-tempo em que vive a humanidade é o lugar onde Deus quer encontrar o seu povo e essa humanidade pode ser povo de Deus enquanto se deixar interpelar por ele e aceitar ser sua interlocutora na história para viver a aventura do encontro com Ele (LOPES, 2022, p. 313).

Ter consciência de que é preciso “ter os pés no chão” é essencial a todo discípulo de Cristo. É necessário que não se neguem as contradições e processos nos quais o discípulo de Cristo está inserido. Havendo esta negação, pode-se perder a oportunidade de reconhecer Jesus, e com isso não o acolher. Isso, por estar se fechando em uma fé que não põe a caminho, não cura, não acolhe e está apartada da realidade de vida.

A mulher samaritana encontrou Jesus, acolheu suas Palavras e se tornou discípula. Ela não estava fechada em suas próprias dores, ou pelas divisões sociais e culturais a ponto de não ver Jesus. Ela, no seu discipulado, deixou-se interpelar por Jesus, viveu a aventura do encontro com o Senhor. Com isso, vemos que ela é modelo de abertura e acolhida, não se fechou nas realidades que viveu. A sua realidade de vida não é esquecida nem ignorada, mas sim transformada por Cristo. Com isso, ela assumiu o protagonismo na missão de anunciar Jesus a seus conterrâneos.

3.2 O protagonismo feminino no seguimento de Jesus

Já vimos, ao longo deste trabalho, a história do protagonismo de algumas mulheres presentes na narrativa bíblica, mais especificamente no quarto Evangelho. Agora serão abordados os testemunhos singulares de algumas mulheres presentes ao longo da história da Igreja, mais propriamente as santas doutoras.

São muitos os desafios que as mulheres enfrentaram ao longo da história e que, ainda hoje, não foram plenamente superados. Eles se dão no meio social, político, profissional e também eclesial. Essa superação é necessária e urgente. É preciso haver uma mudança de consciência sobre o papel da mulher para que se promova o reconhecimento do benefício de sua atuação nas diversas áreas da vida.

Neste sentido, para aconteça esta virada de consciência, ver e refletir sobre o testemunho de vida de algumas mulheres, que, diante dos desafios sociais e eclesiais de seus respectivos contextos e épocas, olharam para o Cristo e viveram o encontro com Ele, se faz necessário e pode servir como inspiração para a promoção do reconhecimento da vocação e dignidade das mulheres em todas as áreas da vida. Assim como a samaritana, estas mulheres que serão apresentadas deixaram que o encontro com o Cristo transformasse suas vidas. Elas são hoje reconhecidas como doutoras da Igreja e deixaram um belo testemunho de vida.

Aqui, o intuito não é se debruçar profundamente em suas histórias, mas apontar quão grande é o avanço e o benefício teológico e espiritual em se ter reconhecido pela Igreja, dentre os muitos homens doutores, quatro mulheres. Figuras estas que, com seu testemunho de vida e sua doutrina espiritual, são para a vida eclesial um grande ganho.

Essas quatro mulheres viveram em períodos distintos da história, e cada uma delas, em seu determinado contexto, enfrentou seus próprios desafios. Tiveram seu encontro com Cristo, acreditaram nele e o acolheram, assim como a samaritana. São elas: Hildegarda de Bingen (1098-1179), Catarina de Sena (1347-1380), Teresa de Ávila (1515-1582) e Teresinha do Menino Jesus (1873-1897).

Para ser proclamado doutor da Igreja, são três os requisitos levados em conta: santidade de vida, doutrina iminente e proclamação oficial pela Igreja (PÁDUA, 2021, p. 710). Dentre essas mulheres declaradas Doutoradas da Igreja, a primeira reconhecida enquanto tal, foi Teresa de Ávila. Posteriormente, Catarina de Sena também o foi; anos depois, Teresinha de Lisieux e mais recentemente, Santa Hildegarda de Bingen.

As primeiras Doutoradas da Igreja (Teresa d'Ávila e Catarina de Sena) só foram reconhecidas enquanto tais no ano de 1970. Podemos ver, então, que isso é algo muito recente. O título foi conferido a elas pelo Papa Paulo VI, e isso só se deu após o Concílio Vaticano II. Neste sentido vemos o quanto o referido Concílio foi ponto de abertura para a promoção do reconhecimento feminino. Teresa já havia sido canonizada no ano de 1622. Sua doutrina espiritual era muito reconhecida. Mas o título de doutora só veio 348 anos após sua canonização, e essa demora se deu pelo único motivo de se tratar de uma mulher. Vejamos o que Pádua aponta quanto a isso:

[...] os leitores modernos podem se perguntar: porque Santa Teresa não foi declarada Doutora da Igreja, oficialmente, antes? É possível perceber não apenas o valor de seus escritos, mas também uma influência permanente de sua doutrina na Igreja! Esta possibilidade foi levantada algumas vezes na história. Pio XI, por ocasião do processo de declaração de São João da Cruz, doutor da igreja, foi interpelado neste sentido, pela própria ordem carmelitana. A solicitação foi recusada. O motivo permanecia o mesmo, a saber, a tradição, que afirmava o impedimento imposto pelo sexo (ALVAREZ, 1995, p. 695), segundo o interdito explícito de São Paulo de que as mulheres não o podem ensinar em público (1Cor 14,34 e 1Tm2,11-12). Enfim, *obstat sexus* - o sexo impede (PÁDUA, 2021, p. 709-710).

O reconhecimento foi tardio, mas aconteceu. E esse ganho só se deu após o Concílio Vaticano II, que conforme já foi apontado aqui, confere a todo povo de Deus a participação no *múnus* sacerdotal (LG 10; 11; 34). Como afirma Pádua, “o doutorado

feminino contava com barreiras teológicas históricas” (PÁDUA, 2021, p. 710), mas ainda são muitas as barreiras impostas as mulheres no dia a dia da vida eclesial.

A herança espiritual, bem como o discipulado destas quatro doutoras contribuem para o declínio destas barreiras. São mulheres inspiradoras, e no seu amor a Jesus, frutificaram na vida da Igreja. Vejamos como era o contexto em que viveu a primeira mulher doutora da Igreja.

Teresa viveu um tempo de grande poder político e econômico espanhol, um contexto expansionista de conquistas geográficas e avanços em importantes áreas do conhecimento científico, filosófico, literário, cultural, conhecido como século de ouro na Espanha. Mas logo percebeu que, para as mulheres audazes como ela, eram *“tiempos recios”*, tempos difíceis. Sua vida se desenvolveu em um contexto oficial radicalmente antifeminista e inquisitorial, que alimentava desconfianças com relação às mulheres, sempre que elas escapavam do modelo feminil vigente. No entanto, Teresa não se intimidou. Penetrou no mundo de forma ativa e com visão transformadora. Reformou a Ordem Carmelita, fundou a Ordem religiosa dos Carmelitas Descalços, exerceu intensa atividade de ordem material nas fundações, estabeleceu inúmeras e diversas relações humanas e escreveu muitos livros. (PÁDUA, 2021, p. 703).

Teresa foi uma mulher que viveu em seu tempo com coragem. Demonstrava profundo amor pela Igreja. Não se intimidou perante os desafios que se impunham diante dela, foi transformada pelo Cristo, assumindo o papel de serva e discípula de Jesus. Com sua força, persistência e coragem, pode inspirar as mulheres para que não se intimidem diante dos desafios do tempo presente.

A segunda santa doutora, Catarina, nasceu no ano de 1347, em Sena, na Itália. Desde muito pequena sentiu atração pelas coisas eternas. Foi uma mística de peso, os êxtases e as visões lhe eram bem comuns. Ela vestiu o hábito e abraçou a Regra das irmãs da penitência de São Domingos, as mantelandas, no ano 1363. Onze anos depois, foi confiada à direção de Raimundo de Cápua, que veio a ser o futuro confessor geral da Ordem e seu biógrafo.

Foi uma mulher muito influente em seu tempo. Atraves de suas cartas dialogou com muitos, com plebeus, nobres, religiosas, o clero, e até com o Papa. Uma mulher naquele tempo, ter esta relevância, não era algo muito comum. Ela é um grande exemplo de vida e santidade. Viveu em tempos difíceis para a Igreja. Em sua época, se tinha a questão da permanência do Papado em Avinhão na França. Inclusive, Catarina chegou a conversar com o Papa Gregório XI, aconselhando sua volta a Roma. Sua obra engloba orações, o livro (O diálogo), e um grande epistolário. Da sua

doutrina espiritual, alguns temas se destacam pela frequência e centralidade que ocupam em suas obras, a saber: o mistério trinitário, a Cristologia, a Igreja e a vida espiritual.

Essa grande mulher, “é filha do seu tempo, de uma concepção profunda e enraizada na Igreja e, nesta, no papado. Mas no mesmo tempo é *mamma*, mãe de papas, reis e rainhas, nobres e plebeus, de gente simples e de cultos” (NASCIMENTO, 2009, p. 473). Foi uma mulher forte e influente. Nota-se, na vida destas mulheres mencionadas, que a contribuição da mulher não é irrelevante, mas sim, fecunda.

A terceira mulher doutora da Igreja é Teresinha do Menino Jesus. Esta nasceu em 1873, em Alençon, na França. Perdeu sua mãe muito cedo, aos quatro anos de idade, o que marcou, de certa forma, a sua personalidade (GENNARO, 2012, p. 2430). Ela foi, durante um certo período, cuidada pela sua irmã, Paulina, que logo entrou para o Carmelo, o que provocou o distanciamento físico entre elas, e isso lhe impactou profundamente, chegando até a ficar doente.

Em maio de 1887, pede ao seu pai para entrar no Carmelo. Sua pouca idade lhe dificulta a entrada no convento. Mas no ano seguinte, superando o desafio da idade, ingressou no Carmelo, ainda muito jovem. Já no ano de 1889, ela vestiu o hábito e no ano seguinte emitiu os os votos perpétuos. No Carmelo, o seu progresso se deu de forma rápida, e três anos depois ela já foi nomeada ajudante da mestra das noviças.

Os seus escritos não têm caráter doutrinal, mas sim, autobiográficos. Seus manuscritos e cartas mostram o seu itinerário espiritual durante sua vida, caminho este que está totalmente dominado pelo amor de Deus. Para ela, as mediações humanas também transmitiam o amor de Deus. Para ela, este amor era o princípio, meio e fim de santificação. Em seus escritos, pontua que a misericórdia é o atributo fundamental do amor divino. Neste contexto, compreende-se o conceito de infância espiritual que vemos em seus escritos, que, para ela, era a consciência da ação amorosa de Deus, bem como também da própria limitação, mas também a convicção de poder colaborar, mediante o amor, com a ação proveniente e santificante de Deus (GENNARO, 2012, p. 2432).

Uma mulher, mesmo que muito jovem, tinha a consciência do dever discipular de colaborar mediante o amor, na obra de Deus. Apontou maturidade em sua vida e testemunho de entrega e amor a Deus. Vê-se que sua herança espiritual encontra comprovação explícita nos documentos do Concílio Vaticano II, sobre a vocação

universal à santidade pontuada no número 40 da *Lumen Gentium* (GENNARO, 2012, p. 2432). Morreu muito nova, com apenas 24 anos, mas conseguiu, de forma muito profunda, deixar-se conduzir pelo amor de Deus, deixando em seus escritos grandes ensinamentos.

A quarta figura que destacamos, Hildegarda de Bingen, teve seu reconhecimento e recebeu o título de Doutora da Igreja no ano de 2012, pelo Papa Bento XVI. Sobre ela, João Paulo II a apresenta como: “Luz do seu povo e do seu tempo” (JOÃO PAULO II, 1979), termo este relembado por Bento XVI, na carta Apostólica com a qual a Santa é proclamada doutora (BENTO XVI, 2012). Este reconhecimento indica uma mulher forte que, abraçando o Evangelho, foi sal da Terra e luz do mundo (Mt 5,13). Em razão do 800º ano do aniversário de sua morte, em carta, o Papa João Paulo II escreve ao Cardeal Hermann Volk, então bispo de Mainz:

Enriquecida, a partir da tenra idade, com especiais dons sobrenaturais, Santa Hildegarda compreendeu inteligentemente os segredos da teologia, da medicina, da música e doutros ramos do conhecimento, deles escreveu abundantemente, e pôs em evidência o nexó entre a redenção e as criaturas. Amou unicamente a Igreja: abrasada neste amor, não duvidou sair dos claustros do mosteiro para, como intrépida defensora da verdade e da paz, ir ter com Bispos, Autoridades públicas e até com o Imperador, e para falar a multidões.

Ela que, embora sempre doente, mas dotadíssima de forças espirituais e verdadeiramente "mulher forte", era chamada antigamente "profetisa da Alemanha". Nesta comemoração centenária, parece que ela fala com instância aos fieis da sua pátria e aos demais. Até a vida e a ação desta celeberrima Santa nos ensinam que a união com Deus e o cumprimento da vontade divina são os bens que acima de todos devem ambicionar, sobretudo aqueles que escolhem o caminho estreito no estado religioso (JOÃO PAULO II, 1979).

Foi uma mulher inteligentíssima, forte e influente no seu tempo. Falou a muitos com ousadia, o fato de ser mulher não a fez ser menor, muito pelo contrário. Ela foi uma grande mulher e é, hoje, doutora da Igreja. Viveu no século XI e, passados dez séculos, tem ainda muito a dizer às mulheres hodiernas. Como pontuou João Paulo II, sua vida e ação ensinam que a união com Deus vale a pena e deve ser buscada.

Como olhar para o discipulado destas mulheres e, ainda assim, pôr em xeque a fecundidade do discipulado feminino na vida da Igreja? Não é possível. Foram elas valentes, mulheres à frente de seu tempo. Teresa foi reformadora de uma Ordem religiosa, desempenhou grandes trabalhos neste sentido. Hildegarda e Catarina, que viveram em séculos diferentes inclusive, falavam com personalidades da autoridade social e eclesial, demonstrando muita influência e reconhecimento. Teresinha viveu

na clausura de um Carmelo,mas soube aproveitar seus poucos anos de vida, sendo discipula do amor e apresentando um autêntico ardor missionário no seu servir a Cristo.

Obviamente, tratou-se aqui de forma muito breve sobre a história de vida destas mulheres. Não cabe a este trabalho focar nos detalhes de suas vidas, mas mostrar a força e a coragem que o encontro com Jesus proporciona a elas. O intuito maior é lançar luzes ao discipulado feminino para que ele seja valorizado, para que a mulher seja reconhecida e não mais sofra com o preconceito, a violência, seja ela física ou intelectual, também não sofram exclusões pelo único fato de serem mulheres.

Neste sentido, conforme foi dito por Francisco, muitos e importantes são também o testemunho de “tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho” (GE 12). Apresentar ao mundo o testemunho das mulheres que se colocam na luta contra a desigualdade, contra o preconceito e o machismo estrutural, presentes na realidade social e eclesial, é extremamente necessário.

A coragem e o protagonismo das mulheres na vida da Igreja se dá por meio de uma fé autêntica, dom de Deus. A amizade com Deus é fator central em suas vidas. Jesus concede uma dignidade singular às mulheres, são elas testemunhas de Cristo e protagonistas por excelência da transmissão da fé. São elas que no seio familiar, na Igreja doméstica, educam e catequisam seu filhos. E nas comunidades se doam na pastoral e catequese, não se furtam de estar a serviço.

Valorizar o discipulado feminino na vida da Igreja é pôr em evidência o testemunho das mulheres, as santas já participantes da glória celeste que inspiram tantas outras mulheres, discipulas e missionárias do Cristo. Urge que se coloque em evidência as mulheres valentes e anônimas, elas que muitas vezes não encontram abertura para desempenhar seu trabalhos na sociedade, na política e na Igreja. Que a hierarquia possa contribuir para isso. Francisco é, enquanto papa, pioneiro nesta empreitada. Ele abre caminhos para que, cada vez mais, elas possam assumir o papel de liderança, tenham sua voz ouvida, e possam deixar o seu serviço ser fecundo na dinâmica eclesial.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos esta pesquisa, podemos apontar a relevância do tema no intuito de somar esforços para um maior avanço no reconhecimento do papel da mulher no âmbito eclesial. Em muitos casos, as mulheres têm sua atuação limitada às atividades de organização e serviços de secretaria. Não tendo a oportunidade de serem ouvidas, ficam presas à realidade de não serem reconhecidas como sujeitos eclesiais que têm voz e vez na atuação em qualquer dimensão da dinâmica eclesial.

Foi-nos possível constatar que as mulheres são sempre presentes na Igreja do continente. Nas comunidades, atuam de forma significativa e estão sempre servindo, não obstante suas responsabilidades e doação na vida familiar, comunitária e também no meio social. Encontram desafios para terem sua dignidade respeitada e reconhecida mas, mesmo diante das contrariedades, estão sempre presentes, dispostas e trabalhando em prol do bem comum.

Embora existam alguns avanços no que diz respeito ao reconhecimento e à valorização da atuação feminina no meio eclesial, esses ainda parecem ser insuficientes. O Papa Francisco muito tem contribuído para tais avanços, mas, por muitas vezes, e, excetuando-se as recentes inclusões de mulheres em posições que eram tipicamente masculinas no Vaticano, na hierarquia eclesial em geral não se vê esses mesmos avanços. O reconhecimento fica apenas no âmbito das ideias e dos documentos eclesiais, mas não passam de reflexões.

Apresentar a samaritana como modelo de discipulado favorece a atuação feminina na vida da Igreja. Pois ressalta a força das mulheres no anúncio missionário, bem como, também, a superação de preconceitos e discriminações que as afligem, retirando-as da posição de silenciamento para uma postura de protagonismo. No relato bíblico em que ela é apresentada, pudemos conhecer um pouco de sua vida e como ela foi transformada após seu encontro e experiência com o Senhor. Crer em Jesus renovou sua vida e sua esperança. Ela não hesitou em deixar seu cântaro para trás em vista a se tornar discípula missionária.

Ela não recebeu um convite explícito de seguimento. Apesar do fato de que muitas das palavras proferidas por Jesus tenham sido de difícil compreensão para ela num primeiro momento, nos é possível concluir que o ensinamento de Cristo foi ouvido e acolhido por esta mulher.

Muito mais há de se explorar dos contextos e protagonismos femininos nas Escrituras e na história da Igreja. Conclui-se, portanto, que outras pesquisas neste sentido são necessárias. É urgente a necessidade de ampliação dos espaços de atuação feminina na dinâmica eclesial. Que as mulheres deixem de ocupar os últimos lugares, de serem julgadas com inferioridade e desconfiança para que possam atuar com protagonismo e terem suas vozes ouvidas também nos lugares de decisão.

REFERÊNCIAS

1. SAGRADA ESCRITURA

Bíblia. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia. **A Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2015.

2. LIVROS

ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARRETO, Juan; MATEOS, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulus, 2021.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**. Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia social: O significado da Virgem para a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paulus, 2006.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia**. São Paulo: Paulus, 2015.

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). **Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Paulinas; Paulus, 2018.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília / São Paulo: Edições CNBB / Paulus / Paulinas, 2009.

COMBLIN, José. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Valeriano dos Santos. **O amor de Deus: Teologia da redenção**. São Paulo: Paulus, 2019.

DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2003.

DOGLIO, Claudio. **Literatura Joanina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

DOMEZI, Maria Cecília. **Mulheres do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016.

FERREIRA, Joel Antonio. **Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2023.

GENNARO, C. Teresinha do menino Jesus (santa). In.: Ermanno Ancilli, Pontificio Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012, p. 2429.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

KONINGS J. **Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 2005.

KUZMA, Cesar. **Leigos e Leigas: força e esperança da Igreja no Mundo**. São Paulo: Paulus, 2009.

NOBRE, José Aguiar. **O projeto de Francisco: Evangelização, Ecologia, Economia, Ecumenismo e Educação**. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

SANTINON, Ivenise; MARIOTTI, Lucy; OTTAVIANI, Edécio. **Discipulado de iguais**. São Paulo: Saber Criativo, 2023.

3. DOCUMENTOS ECLESIAIS E MAGISTERIAIS

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acessado em: 25/10/2021.

FRANCISCO, PAPA. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 04/08/2023.

JOÃO PAULO II, PAPA. **Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html Acessado em: 04/08/2023.

4. ALOCUÇÕES MAGISTERIAIS: AUDIÊNCIAS, DISCURSOS, HOMILIAS

BENTO XVI, PAPA. **Angelus**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_ang_20110327.html. Acesso em: 04/08/2023.

BENTO XVI, PAPA. **Carta**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html. Acesso em: 22/04/2024.

FRANCISCO, PAPA. **Angelus**. Disponível em: [vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2023/documents/20230312-angelus.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2023/documents/20230312-angelus.html). Acesso em: 04/08/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Angelus.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140323.html>. Acesso em: 04/08/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Homilia.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191212_omelia-guadalupe.html>. Acesso em: 04/08/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Discurso.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papa-francesco_20170907_viaggioapostolico-colombia-celam.html>. Acesso em: 08/08/2023.

JOÃO PAULO II, PAPA. **Carta.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf_jp-ii_let_19790908_800-ildegarda.html>. Acesso em: 22/03/2024.

PAULO VI, PAPA. **Mensagem.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html>. Acesso em: 15/10/2023.

5. ARTIGOS CIENTIFICOS

ARAUJO, Gilvan Leite de. Jesus e a Samaritana. In: **Revista de Cultura Teológica**, n. 87 (2016): JAN/JUN - ANO XXIV, p. 231-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.19176/rct.i87.28565>>. Acesso em: 04/08/2023.

ARAUJO, Gilvan Leite de. A Mulher Adúltera no Evangelho de João (Jo 7,53-8,11). In: **Revista de Cultura Teológica**, n. 92 (2018): JUL/DEZ - ANO XXVI, p. 127-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/rct.i92.39746>>. Acesso em: 10/11/2023.

BRIGHENTI, Agenor Brighenti. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. In: **Revista Pistis & Praxis**, v. 8, n. 3, p. 673-713, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/issue/view/4>>. Acesso em: 22/03/2024.

OTTAVIANI, Edelcio; SANTINON, Ivenise; MARIOTTI, Lucy. O silenciamento das mulheres como entrave ao discipulado de Iguais. In: **Revista de Cultura Teológica**, n. 103 (2022), SET/DEZ, p. 164-191. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/rct.i103.59852>>. Acesso em: 04/08/2023.

NASCIMENTO, José do. Catarina de Sena: Uma escritora do século XIV. In: **Revista Aedos**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2009, p. 471-477. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9874>>. Acesso em: 22/03/2024.

PEDROSA-PÁDUA, Lucia. Santa Teresa de Ávila: 50 Anos Doutora da Igreja. In: **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 53, n. 3, 2021, p. 701-722. Disponível em: <<https://doi.org/10.20911/21768757v53n3p701/2021>>. Acesso em: 22/03/2024.

PERETTI, Clélia; QUEIROZ, Ivoneide. Mulher e ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco. In: **Revista de Cultura Teológica**, n. 98 (2021): JAN/ABR - XXIX. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/rct.i98.52565>>. Acesso em: 10/04/2024.

ROCHA, Mateus. O seguimento de Jesus Cristo. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 42, n. 165 (1982), p. 12-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.29386/reb.v42i165.3666>>. Acesso em: 10/03/2024.

TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. In: **Revista de Cultura Teológica**, n. 72 (2010): OUT/DEZ - Ano XVIII, p. 55-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.19176/rct.v0i72.15374>>. Acesso em: 22/03/2024.